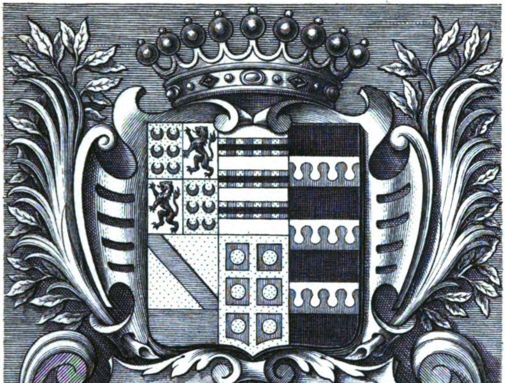
DUQUE-ESTRADA

Flora de Maio

H. GARNIER

RIO DE JANEIRO



FLORA DE MAIO

Meis et amicis



OSORIO DUQUE-ESTRADA

FLORA DE MAIO

VERSOS

Com um prefacio de Alberto de Oliveira

1899-1901

RIO DE JANEIRO
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71, RUA DE OUVIDOR, 71

1902

PREFACIO

O auctor desta *Flora de Maio* se não me dispensou das palavras de introducção que ponho ao seu livro, foi, estou certo, não por precisar vir pela mão de um paranympho — e para tal fallece competencia ao subscriptor destas linhas — mas por mais uma vez testificar-me a boa amizade e consideração com que me distingue.

Elle não é um estreante, não é esta a primeira florescencia de seu espirito. A primeira, como arvore nova e que se apressa em cobrir-se de flores, deu-a ha tres lustros ou mais, em verdes annos, mas nem por isso menos opulenta e viçosa.

Eram versos como nos agraços da edade raramente se fazem, inspirados, correctos e que para logo tornaram conhecido o poeta.

Dos *Alveolos* — assim se chamavam os versos — livro de adolescente, metrificado entre os primeiros sonhos e as pausas da vida escolar, medeia até ao presente volume um espaço largo mas não de ocio para a musa de Osorio. No decurso desse tempo não se recolheu elle, como Achilles, á sua tenda,

deixando a um canto a lyra de ouro gastar-se, comida de oxydo nas cordas frouxas, emquanto outros cá fôra pelejavam a grande peleja da Arte, em torno aos muros da Ilion feita da indifferença e frieza de um publico avêsso á poesia, — Ilion de nova especie, mas, como a dos cantos homericos, petrea e pesadamente fechada.

Trouxera-lhe aquelle primeiro livro louros sobre os quaes pudera dormir :

— « Agarrando-me aos *Alveolos* do Osorio Duque — Estrada, escreveu Araripe Junior, descobri que nesse poeta juvenil o *dente do sizo* já é Mathuzalem. »

E Arthur Azevedo :

— « Ora, ahi está um poeta, ou não ha ratos nas alfandegas nem habitantes em Jupiter! »

E, ainda, Sylvio Romero :

—« O microbio devorador da litteratura é a banalidade. A nossa mostra actualmente bem claros signaes dessa molestia...

O poeta dos *Alveolos* saberá evital-a ».

Outrem que não fosse por indole verdadeiro poeta, contentara-se com ouvir estas vozes de louvor e com haver estreado, firmando desde logo um nome invejavel.

Osorio, que é de antes quebrar que torcer, continuou, porem, em boa hora, de festejar-nos o ouvido com harmonias novas, e mais altas e sorprehendentes.

Pouco importa passasse elle a ser inspector de escolas, bibliothecario e não sei que mais no Estado do Rio.

O funccionalismo publico não abafou, esterilisando-as, as aptidões do escriptor, e a prova ahi está nesta *Flora de Maio*, seu novo livro. Senti-lhe o perfume, aspirae-lhe a essencia fina e entontecedora...

Si lhe perguntardes porque de Maio, e não de Março ou Dezembro, responder-vos-á, talvez, o poeta, justificando aquelle formoso titulo : que reside actualmente em Petropolis,

« *Valle de amenas doçuras,*
De rosas e mal-me-queres,
Onde as estrellas mais puras
Brilham no olhar das mulheres »,

e lá as rosas mais bellas são as de Maio, e as rosas não só, mas os chrysanthemas doirados e os brancos, e uma ou outra orchidea de tardos botões desabrochados já ao cahir das primeiras geadas do inverno.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Rio — Outubro de 1901.

PRIMEIRA PARTE

FLORA DE MAIO

Aos meus amigos e confrades:
MARTINS JUNIOR;
AFFONSO CELSO;
LEONCIO CORRÊA;
XAVIER DA SILVEIRA;
JORGE PINTO;
RAYMUNDO CORRÊA;
ALVARO DE TEFFÉ;
Lembrança dos nossos serões de Petropolis.

SYMPHONIA

Chantez, chantez, ô mes chansons!

(RICHEPIN.)

Musa piedosa e austera,
Volve agora a cantar!
Concerta a voz e espera,
Porque as aves e o sol e a primavera
Já não devem tardar...

Vae longe a nevoa; Maio
Passou; Junho apagou-se
N'um languido desmaio,
E Agosto accende o seu primeiro raio
De luz suave e doce.

Bebe este ar perfumado
Que se evola das flores!...
Deixa o amor e o passado,
Porque o aroma do campo e o sol dourado
Curam todas as dôres.

Concerta a voz e espera,
Que é tempo de cantar!
Canta, Musa severa,
Porque as aves e o sol e a primavera
Já não podem tardar...

AGONIA DE D. JUAN

(Ao Dr H. Velarde.)

Desfallece-me a face macilenta,
E eu não sei que ancia louca, na partida,
Como um grilhão, ainda me acorrenta
A' masmorra miserrima da vida!

Nem uma só d'essas visões amadas
Vem me assistir no derradeiro instante...
Não mais pelo cahir das madrugadas
Vibra a minha guitarra soluçante!

E antes que a estrella d'alva scintillando
No asul desponte, limpida e sonora,
Minh'alma, enfim, estes grilhões quebrando,
Hade ascender para uma nova aurora...

Busco um clima melhor, de sol mais rubro;
Mas, mal curado das paixões do mundo,
Novas formas phantasticas descubro
D'aquelle asul boiando inda no fundo...

Inda a Via Lactea nos espaços francos
Abre em lyrios de mádidas capellas,
Tão doces, tão cheirosos e tão brancos
Como seios de pallidas donzellas...

Mortal feliz, em cuja face leio
A gloria de viver e amar : descança;
O céo brilhante, o céo azul é o seio
Em que palpita a ultima esperança.

Penetra a fundo n'esta galeria
De mulheres esplendidas e bellas
Que têm nos labios a prisão do dia
E nos olhos o fogo das estrellas...

Repara n'esta : a alma deixou-me em lucto,
A fronte em brasa, o coração partido :
Inda não houve, em toda a terra, fructo
Mais perfumado e mais appetecido !

O farto collo, o seio astral, que a avara
Roupa encobre, inda a fazem, resplendente,
Rutilar atravez da renda clara
Como uma estrella em nevoa transparente.

Mas antes, quando os astros habitavam
Outros páramos de ouro mais distantes,
Que vergeis os seus labios aromavam ?
Seus olhos em que céos moravam d'antes ?

Bastam-lhe os olhos : n'esses, posto os veja
Longe do céo, dois novos céos diviso ;
São dois altares de uma mesma egreja,
Duas portas de um mesmo paraizo...

E aquella... e esta outra aqui que, com certeza,
Do amor as chammas te vertera n'alma...
Em torneio de graça e de belleza
A propria Venus lhe cedera a palma!

E as outras todas, lubricas, formosas,
Feitas para a paixão, para os delirios,
De mais aroma do que as proprias rosas,
De mais alvura do que os proprios lyrios;

Todas verteram sobre o meu caminho
— Mudo e negro — o crepusculo de um beijo
Que uma flor fez abrir em cada espinho
E em cada flor a flor de outro desejo!

Por isso, ó tu mortal, que hoje te ufanas
D'esse amor que te põe louco e desfeito:
Não cuides que essas vis paixões mundanas
Nã cantassem tambem dentro em meu peito!

Esse nevoa de sonho em que fluctúas,
Essas glorias inuteis e mesquinhas
Pouco me pesa que hoje sejam tuas
Porque em tempo tambem já foram minhas!

Mas emquanto estes véos não se desatam,
Uma idéa sinistra inda me aterra:
E' que no asul os corações não batam
Como o meu vae bater dentro da terra...

E tu, alma sem fé, que ainda resistes
A' morte: o céo te aguarda e abre as fronteiras
Como o pincaro asul dos Alpes tristes
Onde a *edelweiss* floresce entre as geleiras!

NO BOSQUE

(A Eduardo Salamonde.)

Escuro ainda. Somente
Silencio e sombras... Agora
Lá para as bandas do Oriente
Vislumbro um raio da aurora...

E espero. Um brilho de opalas
Treme no ar. Fresca e louçã,
Num rubro fulgor de galas
Hade chegar a manhã.

Uma aza rufla num galho
Onde accorda um passarinho ;
Cae uma gotta de arvalho...
Ouve-se o trillo de um ninho...

Ensaia-se a partitura
Da nova musica ; o sol
Veste a rutila armadura
Que hade brilhar no arrebol.

Sae um perfume ligeiro
De cada moita orvalhada ;
A' luz do clarão primeiro
Lá vem surgindo a alvorada !

Já se ouvem perto cantando
Os sabiás, e na luz
Esvoaça, celere, o bando
Das borboletas azues.

Por tudo a esplendida festa
Em raios de ouro se accende ;
Ao longe, toda a floresta
Já brilha agora e rescende.

Nestes moitaes, que embriagam,
E onde se sonha tambem,
As dôres todas se apagam
E a vida chama-se um bem !

Vejo abrir-se, á luz serena,
Do sol á primeira setta,
Aqui, a branca açucena,
Alli, a casta violeta...

E fico alegre e contricto
Ante esse eterno esplendor ;
A terra, o céo, o infinito
Fallam de paz e de amor.

Tudo aqui me arrouba e encanta,
Tudo me enleva e me acalma :
Quando algum passaro canta,
Cuido que canta em minh'alma.

Ao ver o espinho ciumento
Guardar da flor o botão,
Esqueço por um momento
O mundo, esqueço a traição;

E junto ao sol e ás boninas,
Apago toda a tristeza,
Lendo as estrophes divinas
Do poema da natureza.

BELLEZA MODERNA

(RICHEPIN)

(*A Olavo Bilac.*)

Certo, me apraz te ver núa completamente,
Como, em Dezembro, o sol que funde a nevoa, e ardente
E duro, fere o olhar com a dura claridade...
Lembras, então, não sei que estranha divindade
Esplendida, torneando as linhas da figura
N'um marmore de eterna e deslumbrante alvura,
Mas ainda mais te admiro, ao ver, sobre os teus braços,
Em concerto ideal de fitas e de laços,
Brilhar, com um brilho novo e que inda mais captiva,
A toilette que cinge a tua estatua viva!
E o espartilho apertado onde os seios formosos
Como dous garanhões empinam-se fogosos...
E o teu braço, que sae da manga aberta e franca
Onde a alva renda espuma em torno á carne branca...
E o teu busto solemne entre setins fechado;
E o teu pé, que se arqueia e que brinca endiabrado
Por baixo dos botões da bota reluzente...
E a saia em longa cauda arrastada e fremente
Como uma onda ideal de esplendido cabello,
Que desce da anca larga ao fino tornozello...
E dobrada, a sumir-se, a cinta airosa e leda

N'esse frú-frú macio e sonoro da seda;
E as joias, os anneis, os broches, o velludo,
Tudo, em summa, o que inventa o teu capricho, tudo!
Nada, porem, me embriaga e me extasia mais
Do que ver-te no theatro, em toilettes reaes,
Quando á ponta da luva o teu leque agitando,
Como uma borboleta o deixas farfalhando;
Ou, com uns ares de deusa e um sorriso de fada,
O peito arqueando, a coma em ondas derramada,
Mostras, fazendo inveja aos lustres da ampla sala,
Diamantes cujo brilho os olhos apunhala...

CHUVA ETERNA

(A Coelho Netto.)

Eterna chuva, que não cessa agora
De cahir! Chuva eterna, que não cança,
E que no campo e pelo valle afóra
Flores destouca e em terra os fructos lança!

Esvoaça o temporal; galopa, avança
Atravez da hybernal neblina, e ora
Flebil, ora a bramir, na verde françа,
Como um lobo na treva, ulúla e chóra...

« Será possivel que estes tormentosos
Uivos, que a carne ferem todo o dia,
Tornem já tantos dias tenebrosos? »

E olho o céo... mas na densa ramaria
Ouço as bátegas da agua, e os lamentosos
Guays do vento que zune e que assobia...

DOLOR SUPREMUS

Et l'absence de ce qu'on aime
Quelque peu qu'elle dure a toujours trop duré

(MOLIÈRE.)

(A Alfredo de Oliveira.)

Aos corações que vivem na amargura,
Ouvi dizer mais de uma vez : « O amor
E' das noites a noite mais escura,
Das dôres todas a suprema dôr... »

E eu, a alheia miseria contemplando,
A mim mesmo, sorrindo, perguntava :
« Quando o acharás tambem, minh' alma ? Quando
Do seu poder has de cahir escrava ? »

E sorria e cantava. A gloria accesa
Via das rimas no immortal thezouro ;
E o mar e o céo e toda a natureza
Punha cantando nas estrophes de ouro...

Mas quando nem temia, certamente,
Que pudesse ser presa d'esse mal,
Feriu-me o peito, inesperadamente,
A mesma dôr insolita e brutal.

Busquei na ausencia o balsamo do tedio,
Allivio á magoa, lenitivo ao pranto;
E peior do que o mal foi o remedio
Que eu não suppunha que amargasse tanto...

SHAKESPEARE

(A Luiz Murat.)

Es' o Deus soberano — o espirito sagrado
A cujo sopro, um dia, inesperadamente,
Como á voz de Jeovah, creadora e potente,
Cheio de nova luz, foi um mundo creado.

De mares, de volcões, de montanhas cortado,
N'alma humana encravaste um novo continente
Onde róla e soluça e geme eternamente
O temporal da dôr que sopra do passado...

Sol de fogo a dourar os alcantis da gloria
Dessa vida immortal que coroou na historia
Da Illyada o cantor junto ao cantor do Inferno;

Outros hão de tombar ao vento e ás tempestades,
Tu, porem, atravez do tempo e das edades,
Ficarás como um Deus — impassivel e eterno!

HISTORIA CURTA

(NO ALBUM DE UMA SENHORA)

Vossa Excellencia quer, talvez, minha Senhora,
Que, no iriado crystal de uma estrophe sonora,
Transpareça uma flor gentil de phantasia,
D'essas que a musa audaz de um poeta, ás vezes, cria
A brincar — mimo, enfim, que não requer paciencia
Nem esforço ao fazer ; pois bem : Vossa Excellencia
Manda, não pede ; mas temo que esta carcerula
Vá por isso abrigar alguma falsa perola...
Olhe : si alguem cuidar que a culpa cabe ao poeta
Que uma joia vulgar expõe como selecta,
E engana os que a vem ver, eu gritarei de chofre :
— A culpa não é d'elle, é da dona do cofre !
Dito isto, vou contar uma exquisita historia
Que ora mesmo me vem de subito á memoria :
Era uma vez... (não sei como é que principia
A historia) Vamos ver si eu acerto : Era um dia
Uma fada que tinha uma estrella na testa...
Não, não hade ser isso : essa historia não presta.
Vamos ver outra : Enfim ! Creio que achei : Uma alma
Agonisando... um sonho a turvar sempre a calma
Da infeliz... O ideal, de azas de ouro entreabertas,
Voando ao longe, atravez de umas brumas incertas...
. . . .
O' crúa decepção que sobre mim desaba :
Quando a historia começa, a pagina se acaba!...
E agora ? Não faz mal : ponha Vossa Excellencia
Em vez de uns versos mais, mais uma reticencia...

O ENTERRO

> **Dites à** la vermine
> **Qui vous** mangera de baisers,
> **Que j'ai gardé la forme** et l'essence divine
> **De mes** amours décomposés...
> (BEAUDELAIRE.)

(A Emilio de Menezes.)

Chegas... Na torre, ao pé, sôa o toque das onze...
E, logo, o immenso sino, abalado e plangente,
Ergue no ar, em redor, a voz cava e de bronze,
E dobra a badalar, desabaladamente...

Vão te lançar, enfim, á negra cova, aberta
Junto de um valle, immerso em sombras silenciosas...
Nesta fria mansão, desolada e deserta,
Vaes descançar ao pé dos lyrios e das rosas...

E eu nem posso assistir a essa scena sombria
Em que profanas mãos teu feretro pesado
Hão de descer, em breve, á terra humida e fria
Onde vaes tu dormir o somno do noivado...

Chegas... Na torre, ao pé, sôa o toque das onze...
E ha nella e no meu peito um sino alto e plangente
Que todo o ar, em redor, com a voz cava e de bronze,
Abala, a badalar, desabaladamente...

O ARROIO

(DIAZ MIRON)

(A Meudonça Cardosa.)

Nunca descanças : crystalino e puro,
Doce, sereno e manso,
Passas correndo sobre o leito duro...
Eu tambem, como tu, corro e murmúro,
Eu tambem, como tu, nunca descanço !

Eu caminho ao vae-vem das minhas dôres ;
Tu prosegues veloz nos teus caminhos,
E si vaes a brincar por entre flores,
Eu me arrasto a gemer por entre espinhos !
Tu passas como sombra, vagamente,
Em continua viagem ;
Vaes ter ao mar em rabido escarcéo ;
Baixas do céo em timida celagem
E num raio de sol tornas ao céo !
Eu onde vou ? Nem sei : vou arrastado,
Com a fé perdida que a esperança trunca...
— Sombra em meio do céo illuminado,
Mas sem poder illuminar-se nunca !
Teu fim é só passar... Eu, se te imito,
Nem consigo viver ; por isso, choro,

E no inferno da dôr em que me agito,
Vejo o meu leito, em sonhos que deploro,
Dourar-se á luz que baixa do infinito.

No auge da febre ardente
Sonho a meus pés um pedestal ; a gloria
Dá me o seu brilho ; e eu sinto, sem que o conte,
O calor dos applausos na memoria
E a gelidez do tumulo na fronte !
E logo ao despertar dessa loucura,
Desse tremendo e negro desvario,
Ao enfrentar a realidade escura,
Em vez de soluçar inda me rio !

Mas que importa ? No múrmuro escarcéo
Vaes susurrando sobre o teu alvéo
Emquanto em mim um vendaval retumba...
E's um echo do céo,
Eu, um echo da tumba !

Si me parece que no teu arrulho
De um anjo a voz mysteriosa canta,
Tambem supponho que no meu orgulho
A voz do genio as vezes se levanta.
Das minhas illusões puras e bella,
O ultimo echo morrerá na lyra ;
Sou como tu especho que a tudo aspira !
Atomo pensador que a tudo aspira !

Nascer, pensar, morrer ! O' impia sorte !
Para que tanto afan, tanto tormento,
Si, ao fim, no abysmo que vae ter á morte
Se hade afundar o proprio pensamento ?

Nascer, pensar, morrer! E na existencia
A incerteza que mata e nunca muda!
E nos labios cerrados da sciencia
Uma palavra muda!

O' arroio que vaes em borborinho!
Quizera, em teu caminho,
Ser uma flor dos campos que tu sondas,
Fulva areia em teu leito forasteiro,
Sombra de um cysne, atravessar-te as ondas
E na margem tremer como um salgueiro.

Ser a brisa que é tua, quem me déra!
O echo da tua voz guardal-o todo;
E ser lodo tambem, porque quizera
(Menos a alma que pensa) ser só lodo!

UMA SURPRESA

> **Teve a morte de uma santa**
> **Tendo a vida de uma flôr**
>
> **(Tobias Barretto.)**

Era uma doce e garrula esperança
        A pequena Maria ;
Mas, fazendo-se triste, a pobre creança
        Enfermou, certo dia...

Veiu o doutor, e a rir para as Senhoras,
        Disse : « E' uma febre atôa...
Ao voltar amanhã, por estas horas,
        Heide encontral-a bôa ».

No outro dia, bem cedo, elle voltava ;
        E na alcova, da porta,
Viu que ardia uma véla e alguem chorava...
        Maria estava morta.

CROQUIS

(A Alberto de Oliveira.)

O caso terás lido, com certeza,
Da mulher de quem diz a historia rara
Que, tomada de subita tristeza,
Petrificada e extatica ficara...

Niobe era o seu nome, e tão formosa
Tão seductora aos homens se mostrava,
Que á mesma Via escura e dolorosa
O coração de todos arrastava...

Mas um dia, — implacavel lei da sorte! —
Do seu perverso amante desprezada,
Viu-se ferida pela mão da morte
E em bruta e inerte pedra transformada...

A alma do poeta, triste e dolorida,
— Arido campo onde uma flor não medra,
Lembra aquella mulher, que assim ferida
De extranha magoa, transformou-se em pedra.

NO DIA DOS MORTOS

Lyrios aqui... Vejamos : a morada
Que sob estes cyprestes acha abrigo,
Não é, por certo, a tenda illuminada
Que tu sonhavas habitar commigo...

O' alma sem piedade maltratada :
Porque, após expiar o teu castigo,
Vieste, em leito de seda reclinada,
Buscar a eterna paz d'este jazigo?

No marmore gelado da saudade,
Por mitigar a magoa que não finda,
Ajoelho ; e enfim, olhando com piedade

A pedra que te guarda, ó joia linda,
Venho aquecer, na sua frialdade,
Meus ideaes... mais gélidos ainda!

A NAYADE

(A PROPOSITO DO ACCIDENTE OCCORRIDO EM CASCAES, E EM QUE FOI PROTOGONISTA S. M. A RAINHA D. AMELIA, DE PORTUGAL.)

Si detrás de los espacios
Hay ojos que están mirando
El combate de la vida
Ellos sigan vuestras pasos
Y enaltescan vuestro nombre.

(J. DE D. PEZA.)

A lenda, que a Mãe d'Agoa, em raros versos, cita,
Conta de uma princeza extranha e mysteriosa
Que o fundo de um palacio, entre as ondas, habita,
E aos incautos propina a morte tenebrosa.

Conta da seducção e do engano que mata,
Mas não falla, siquer, naquelles versos de ouro,
Da nayade gentil que ao pelago arrebata
A presa que se afunda em negro sorvedouro...

Senhora! Alem de vivo e fervido respeito,
Encheis tambem de amor os nossos corações:
Si ao tempo dos heróes brilhasse o vosso feito,
Teria um canto mais o poema de Camões!

ABDICAÇAO

(RICHEPIN)

(*A Eduardo Rudge.*)

E's a minha Madona, és o meu Deus agora.
Nada me fica mal si o ordenas tu, Senhora!

E' o teu corpo ideal, sem um relevo falso,
A estrada que me leva á cruz e ao cadafalso.

Com um só requebro teu, tão cheio de mollezas,
Conseguirás de mim as maiores baixezas.

A' minh' alma darei, si inda pedires mais,
As sete seducções dos peccados mortaes.

Si desejares ver da orgia o vivo espelho,
Vel-o-has resplandecer no meu carão vermelho!

De um heróe queres pôr o lucto, com barulho?
Morro, de sceptro em punho, enchendo o teu orgulho!

Queres um mundo ter de beijos e caricias?
Dou-te para dormir um leito de delicias...

2

Si a tua carne freme em ancias, libertino
Serei mais que Petronio e mais do que Aretino.

Si por algum thezouro o teu desejo estúa,
Sou capaz de ir roubar o sol e a propria lua.

Si queres que eu abjure a Arte que um Deus asyla,
Nos misteres mais vis irei prostituil-a.

Si a ventura de uma outra a tua contradiz,
Terei um máo olhar para vel-a infeliz!

Meu proprio coração, si a distração é boa,
Podes quebral-o até, como uma cousa a tôa...

Si num cofre possuir desejas um thezouro,
Tão avaro heide ser, que o encherei todo de ouro.

De crimes um *bouquet* aos teus seios divinos
Dou, com a faca e o punhal dos feros assassinos.

Si ao meu melhor amigo ouvires um-talvez!
Heide, traidor e vil, perdel-o de uma vez.

Si beber o meu sangue um dia te appeteça,
Sê logo a guilhotina e corta-me a cabeça!

OS ESPECTROS

(A Heitor Mariz.)

Nos cemiterios, onde gemia
        Do vento o açoite,
Espectros negros, em agonia,
        Vi, certa, noite...

Espectros tristes, n'um antro immundo
        Sem luz nem brilhos,
Eram as almas dos que no mundo
        Deixaram filhos...

Espectros loucos na treva uivaram,
        — Sombras de cães;
Eram as almas dos que mataram
        As proprias mães...

Bailando, em gritos, espectros coxos,
        Nos cemiterios,
Olhavam tristes, funereos mochos
        De olhos funereos...

Corujas, sombras que assim gemeram,
        Tão bem synonymas,
Eram as almas dos que escreveram
        Cartas anonymas...

BOCCA IDEAL

A sua bocca ideal
E'um palacio com jardim;
As portas são de coral,
Os degràos são de marfim.

(Comes Leal.)

Naquella bocca appetecida
— Fonte do amor, ninho do beijo, —
Brilha uma flor rubra e cheirosa;
Amando mais a luz e a vida,
Andam as vespas do desejo
Zumbindo em torno d'essa rosa.

No labio ideal, que da ambrosia
Guarda o sabor, de nectar cheio,
Veria um poeta a excelsa graça;
E Praxiteles acharia
Molde melhor que o hellenio seio
Para esculpir a sua taça.

A HORACIO

(Ao Dr F. Paula Castro.)

Velho amigo ! Ao provar, no campo, agora,
Dos teus versos o favo delicioso,
Vou, como tu nas bacchanaes outr'ora,
Libando á taça um vinho capitoso...

Outros, da forma o brilho caprichoso
Acham que a tua lyra faz sonora ;
A mim ella entontece e enche de goso
Quando de beijos e canções se enflora.

Certo, d'entre as bellezas que depara,
Não tem menos valor a forma rara ;
Mas de tudo o que mais me maravilha

E' da tua alma doce a alacridade
E esse eterno frescar da mocidade
Que em tua musa e nos teus versos brilha.

O SABIA DA MATTA

(*A H. Marinho.*)

Ficava alli, entre arvores sombrias,
A casa branca, o pouso perfumado
Em que, felizes e sonhando, os dias
Longos passamos de um feliz noivado.

Horas perdia, então, alegre e ouvindo
Fremitos de azas, limpidas canções,
E essa doçura que do asul cahindo
Enche de paz e doura os corações...

Do nosso quarto, via, a poucos passos,
As borboletas de irisadas côres,
E a larangeira que estendia os braços
Já carregados de olorosas flores...

Quando ella vinha, perfumando a terra,
Cantando e rindo nas manhãs de amor,
Doudo tambem o sabiá da serra
Cantava alli na larangeira em flor.

A primavera clara e luxuriante
Euchia de ouro e de alegria o mundo :
Era em Setembro ; o sol cantava errante
A aria de amor de um louro vagamundo...

Nos linhos frescos do cheiroso leito
Punha as cadeias dos seus braços nús ;
Quando, nervosa, me estreitava ao peito,
Nos olhos langues se apagava a luz !

Hoje, que a noite pavorosa e escura
Venceu, por fim, a tanta claridade,
D'aquelles dias de ideal ventura
Resta somente esta immortal saudade...

E agora, enfim, que ella baixou á terra
E que a minh'alma enlouqueceu de dôr,
Ainda existe o sabiá da serra,
Mas já não canta no arvoredo em flor.

ANTE UM CADAVER

(M. ACUNA)

(Ao Dr Ferreira de Campos.

Eis-te afinal na noite eterna e escura
Onde o horizonte intermino da sciencia
Fundo mysterio desvendar procura!

Aqui onde, por fim, a experiencia
Vem proclamar as leis superiores
A que sujeita está toda existencia...

Aqui onde derrama os seus fulgores
Esse astro a cuja luz desapparece
A distincção de escravos e senhores;

Neste ambito onde a fabula emmudece
E dos feitos á voz que se levanta
Toda superstição desapparece;

Aqui onde a sciencia só se adeanta
A decifrar o magico problema
Cujo enunciado triste nos espanta!

Ella enfim que a razão guarda por lemma,
E agora busca em tua face fria
Da verdade escutar a voz suprema!

Aqui estás, mas apoz a lucta impia
Em que romper, ao cabo, conseguiste
O carcere da dôr que te prendia!

Em teus olhos a luz se fez mais triste;
A machina vital repousa, e, forte,
A cumprir o seu fado inda resiste.

Miseria só! — dirão da tua sorte
Os que pensam que o imperio desta vida
Tem de acabar onde começa a morte,

E os que a tua missão crendo cumprida,
Te olham de perto, e em ancia desolada,
Vêm te trazer o adeus da despedida!

Mas a tua missão não 'stá acabada,
Pois nem o nada é o ponto em que nascemos
Nem o da morte pode ser o nada...

E' um circulo a vida, e mal fazemos
Quando, ao querer medil-a, lhe assignamos
O berço e a sepultura por extremos.

A mãe é só o modelo em que tomamos
A simples forma, a forma passageira,
Com que esta ingrata vida atravessamos;

Mas não é com certeza ella a primeira
Que o nosso ser reveste, nem tampouco
Quando morra hade ser a derradeira.

Tu, sem alento já, num sonho louco,
Da dura terra ao generoso seio
Fonte da vida, hasde volver em pouco.

E alli á vida, na apparencia, alheio,
O poder do verão e da agoa, ufano,
Fecundará de germens o teu seio.

E, enfim, subindo num esforço insano,
Verás o vegetal no fundo abrigo
Do seu laboratorio soberano.

Talvez para voltar mudado em trigo
Ao triste lar em que uma triste esposa
Chorando por um pão sonhe comtigo!

Ao mesmo tempo o mundo, dessa lousa
Verá subir, estupefacto e absorto,
A larva convertida em mariposa

Que, nos ensaios do seu vôo, ao porto
Irá levar dos teus gentis amores
Os frios beijos do teu labio morto.

E, em meio desses transes interiores,
Teu craneo cheio de uma nova vida
Em vez de pensamentos, dará flores,

Em cujo calix brilhará perdida
A lagrima talvez que a tua amada
Deixou cahir na hora da partida.

A tumba é o fim da lugubre jornada
Porque é na tumba que repousa morta
A chamma em nosso espirito guardada.

Nessa mansão, enfim, em cuja porta
Nosso alento se extingue, um outro alento
A' existencia de novo nos transporta.

Alli a força cae, morre o talento,
Findam-se os gosos, e não brilham mais
A ardente fé e o vivo sentimento.

Morrem de todo os laços terrenaes
E o grande e o sabio ao lado do idiota
Nivelam-se por fim, tornam-se eguaes.

Mas alli onde o animo se esgotta,
Ha no fundo, em continuo transformismo,
No ser já morto um novo ser que brota.

Força é que o forte e fecundante abysmo
D'esse organismo antigo se soccorra
Par d'elle tirar outro organismo.

Um nome á historia entrega essa masmorra,
Sem ao menos cuidar, indifferente,
De que esse nome se eternise ou morra.

Elle recolhe a massa tão sómente
E mudando-lhe as formas, lento e lento,
Quer apenas que viva eternamente.

Guarda a tumba o esqueleto num momento,
E da vida a fatal e eterna historia
Consiste nesse tragico alimento.

Mas ao fim da existencia transitoria
De que tanto a nossa alma se soccorre,
A materia immortal é como a gloria :
Muda de formas, sim, mas nunca morré !

JESUS NO HORTO

(A Guimarães Passos.)

« Volto ao paramo asul, torno aos climas serenos
De onde me trouxe o ideal da gloria quando, um dia,
Nos valles de Bethlem cantou a luz de Vénus
Como um psalmo de amor e de melancolia !...

Mas não sei porque a terra arde toda e resplende
Quando sopra em minh'alma um turbilhão de dôres,
E a saudade, Meu Deus ! como um sol que se accende,
Esta varzea sombria enche toda de flores !

Negras imprecações soltam de quando em quando
A brisa que farfalha e as sombras do arvoredo ;
E eu, eu louco, infeliz que anda monologando,
Perscruto este mysterio, indago este segredo...

Ella pisou tambem estas veigas serenas,
E essa patria de amor que reviver não hade,
Eu a diviso agora, eu a descubro apenas,
Dentro do coração que chora de saudade ! »

. . . .
. . . .

E elle sente, e elle vê num delirio de anceios,
Num tormento febril de loucos pesadellos,
— No Via Lactea que esplende, um palpitar de seios...
— No halito da noite, um olor de cabellos...

PLANTA SEM NOEM

(RICHEPIN)

De flores — não sei de quantas —
Conheço um valle opulento
Onde cresce, entre outras plantas,
A herva do esquecimento.

Propina uma doce calma
A tal flor que assim se chama,
E um somno profundo n'alma
De quem a prova, derrama.

Si um lobo voraz supplanta
Qualquer cordeiro ou novilho,
A mãe, comendo essa planta,
Esquece a morte do filho.

Eu, contra a voz carniceira
Da lembrança alvoroçada
Que agita a mính'alma inteira,
Colhi a herva encantada...

De comel-a avidamente
Não tive o menor receio:
Fiquei apenas doente...
O esquecimento não veiu.

SONHO DE COLOMBO

Palos resplende toda... A multidão delira
E, em festa, acclama um Deus. Aves de bico rombo
Talham do vasto Oceano a liquida saphyra...

Pandas vélas ao vento, ao convulso ribombo
Do pelago que freme e que estruge iracundo,
Calca o dorso do mar a frota de Colombo...

O heróe sonha ; o horizonte é mudo ; o céo, profundo...
Abre-se a rota, enfim, para o pendão das quinas
Que hade brilhar um dia ao sol do Novo Mundo.

E um paraiso em flor, entre verdes cortinas
De esmeralda, irradia ao flavo sol ardente
Com os seus campos ideaes semeados de boninas...

Sonha Colombo. O olhar que mede avidamente
O solitario mar, denuncia os desejos
De dar aza á illusão, vida ao sonho esplendente.

Este se agita, enfim, e entre vivos lampejos,
Estremece na luz o portico da America
Como um collo de deusa enflorado de beijos.

Rasga-se o véo que cobre a região feerica :
Avulta um mundo novo aos olhos do Universo
E a historia escreve mais uma pagina homerica.

Musa eterna do Amor ! Lyra de ouro onde, immerso
Em doida melodia, ouço o tropel sonoro
Das rimas : fulge agora, e dá fogo ao meu verso !

Que a patria cante n'elle, e siga, audaz meteoro,
O circulo de luz que junta no horizonte
A ata á cruz de Cabral a espada de Deodoro !

Canta o ninho de amor, fonte de aromas, fonte
De inspiração, e o sol que enche de ouro o vallado
E abre incendios no mar e na crypta do monte...

Abre o cofre ideal de aureas gemmas guardado
N'estes paramos onde, entre as aves canoras,
Tem a mulher no olhar um céo quente e estrellado.

Pede á musa de Anchieta o brilho das auroras
E esse canto que sae, como de harpas afflictas,
Do rutilo crystal das cascatas sonoras.

Ateia a chamma em que hoje abrasada palpitas
E dize : « Este calor que ora o seio me aquece,
O' Patria, é um sonho bom de glorias infinitas ! »

E as gentes do porvir, que um sol novo entontece,
Vendo-te o vulto audaz, como o da antiga Hellade,
Em teu solo sagrado hão de colher a messe
Dos fructos que só dão o amor e a liberdade !

A UMA ARTISTA

(*A R. Bernardelli.*)

Não desejo beber a luz que brilha,
Fresca e dourada, no arco do Levante,
Nem contemplar de perto a maravilha
Do paraizo que ideava o Dante ;

Novos céos estrellados, nova trilha
Seguiria a tremer, louco e offegante,
Todas as illusões dando em partilha
Pela illusão que affago n'este instante...

E veria brilhar, em luz fagueira,
A Terra Promettida, a Terra Santa
Que o sonho encheu de paz hospitaleira ;

— Patria ideal onde a poesia canta,
E onde eu quizera ouvir, a vida inteira,
Os rouxinóes que guardas na garganta.

VERSOS DE UM LOUCO

> **O mundo envelhece e rejuvenesce, e o homen anda sempre atraz de uma esperança...**
>
> **SCHILLER.**

(*A Sylvio Roméro.*)

A dôr fez do Universo o espectro de uma gehenna...
E ha quem, feliz, applauda este lugubre drama,
Quando a existencia tem sete linguas de chamma
E é uma mortalha o luar, e o sol uma gangrena !

Poetas ! Só vós sabeis o mal que as dôres fazem...
Poetas ! O vosso ideal não vae além da dôr,
— Almas sem paz nem luz, que inda no seio trazem
Este canto — a saudade, este perfume — o amor !

Poetas, que sem dar tento aos uivos da procella,
Atravessais da vida o oceano tormentoso :
Só em vossa alma canta o reflexo saudoso
De um sol, de um céo, de um mar, de um lago, de uma estrella !

Poetas, deixae a luz ; nautas, deixae o oceano.....
Na luz, como no mar, negreja o mesmo véo :
E é debalde que agora o triste olhar humano,
Farto de lôdo, aspira a desvendar o céo !

Tudo se estorce e ulula em um côro de blasphemias
Que parece sahir do inferno de Alighieri :
A aza que acaricia, ao mesmo tempo fere,
A alma do astro e a do pó são duas almas gemeas...

Só na alma, — antro da treva e dos sonhos, que o mal
Avassalou, creando a dôr para perdel-a, —
Roça ainda a illusão a aza de ouro e coral...
— N'um pantano tambem debruça-se uma estrella.

Porque é que o teu sorriso e o teu beijo me deste,
O' Poesia, que dás aos teus filhos a gloria ?
Porque me traz asim, nesta paz illusoria,
A tunica de luz que a tua espadua veste ?

Faze brilhar de novo o primeiro arrebol :
Tu, somente, és capaz desta metamorphose...
Vamos : a noite é a vil chrysalida do sol,
E as trevas podem ser a luz da apotheose !

E's a Musa do Amor. Ha, na tua garganta,
O gemido que a pomba entre os moitaes arrulha,
O aroma dos jardins, o ocio da sombra, a bulha
Dos passaros, e a luz que em toda parte canta !

Não ha quem, como tu, saiba dar echo ao grito
Que, fibra a fibra, estala um pobre coração ;
Ao amor cégo — dás o horizonte infinito...
— Juntas á voz do corvo o soluço e a canção !

Plagio de uma mulher que eu conheci na terra,
— Syrius, que, no amplo espaço, a cantar, resplandeces :
Porque é que do teu ninho azulado não desces
Para purificar o lôdo que a alma encerra ?

Mas, és lama tambem... ha no teu collo nú
A lepra, e no teu brilho a irradiação da morte...
— Homem, que sonhas mais ? Homem, que queres tu ?
Qual é teu sol, qual é teu fim, qual é teu norte ?

Ha uma força que o alvor da luz ás trevas liga :
— A ave canta no céo torvo e profundo ; chora
O beijo ; e a alma de Job conserva a mesma aurora
Dentro da chaga hedionda e podre que a mastiga!

O crepusculo já começa a se estender
Pelo valle, onde a tarde aromosa boceja ;
E, como um cirio ao sol, que em breve hade morrer,
Uma estrella saudosa ao longe pallideja...

Nem ha tempo, talvez, de correr os caminhos,
Cheios do olor que sae dos bosques e das mattas,
Para ouvir o rumor queixoso das cascatas
E o sonoro crystal da voz dos passarinhos...

Morre, com o sol, o dia... E, como a alva do luar,
Que n'um louro festão de estrellas apparece,
A magnolia, ao seu beijo, entra a desabotoar
O seio... A tarde vae declinando... Anoitece...

SCHOPENHAUER

(A Arthur Azevedo.)

Lendo-te, ó mestre a todos excellente,
Presa fui de um abalo tão profundo
Como si, por milagre, e de repente,
Sob os meus pés se esboroasse o mundo...

Ao vel-o, assim, de perto e na agonia,
Pude sondar então toda a verdade,
E abandonei, como armas sem valia,
A crença e a fé, o amor e a mocidade.

Ante a visão de um mundo tão pequeno
Só hoje sei quando esta dôr maltrata,
Porque a verdade é um perfido veneno
Que enlouquece de todo... e que não mata!

BILHETE

(A UMA CONDESSA)

Recebi, neste instante, a carta perfumada
Em que a sua alva mão traçou, nervosa e afflicta,
Largas phrases de effeito e uma longa tirada
Que eu (confesso-lhe) achei devéras exquisita...

Diz que « ainda me adora e hade provar, em breve,
Que me consagra o mesmo amor santo e profundo »...

Senhora ! Ha muito já, morreu quem tal escreve,
E eu nunca five fé nas almas do outro mundo !

O PYRILAMPO

(LA BARRA)

« Olha essa estrella que illumina o campo,
E ora se apaga, ora fulgura... »
— Disse a creança, ingenua creatura,
Que em vez de estrella via um pyrilampo.

Muito não é que ella enganada fosse,
Não é ; pois eu mesmo, mais tarde,
Tomei por luz do céo serena e doce
O pyrilampo que em teus olhos arde...

SOMRAS RIVAES

(A Roberto Escragnolle.)

Este é o meu carcer negro... A luz esquiva
Nem a minh'alma torna agora forra;
Antes crepita em chammas, e captiva,
De vicios a novissima Gomorrha...

Duas sombras rivaes, que a sombra aviva,
Vejo ao fundo espectral d'esta masmorra...
Diz a primeira : — « Eu quero que elle viva ! »
Diz a segunda : — « Eu quero que elle morra ! »

Qual das duas sentenças é nascida
Do odio ? Qual do amor ? Qual a mais forte,
Com mais dura ironia proferida ?

Não sei, porque por mal da minha sorte,
Aquella que diz morte, quer a vida,
E aquella que diz vida, quer a morte !

OS CÉGOS

(IMITAÇAO)

Pobres, que a noite vertida,
Como agudo e acerbo espinho,
Guardavam n'alma dorida,
Junto á margem de um caminho
Discreteavam da vida :

— « Si as auroras têm mil côres
Não me é dado conhecel-as ;
Nunca vi prados nem flores,
Nem conheço os esplendores
Do céo, do sol, das estrellas... »

— « Conheço todo o fulgor
(Diz o outro) e esta é, não nego,
A causa da minha dôr... »

Um de nascença era cégo,
O outro... era cégo de amor...

A PROCISSAO

(A Dario Freire.)

Via-se a vaga afflicta e tumultuosa
De immenso povo, que, em confusas massas,
Percorria a cidade rumorosa
Ruas enchendo e atopetando praças...

No andor dourado, entre custosas cassas,
Vinha a Senhora... Esplendida e radiosa,
Seguia-se dos anjos e das graças
A longa fila de azas côr de rosa.

De ver-te me agitava um vago anceio,
Quando, afinal, olhando da janella,
Vi teu vulto surgir, de anjos no meio...

— « E' ella ! (eu disse) e o coração : — « E' ella ! »
Tornou. E o peito arfou-me, inda mais cheio,
Quando te vi... de palma e de capella !...

A MORTA

Cheguei-me ao pé do leito, em prantos ; e ella,
Como uma flor já pallida e esvahida,
Volveu-me o olhar onde brilhava aquella
Ancia que traz a dôr da despedida.

Busquei n'um beijo inda infiltrar-lhe a vida ;
Mas o pallor cobriu-lhe a face bella,
E a fronte, emfim, dobrou desfallecida,
Como um languido lyrio de capella...

Desde então paira a sombra desse leito
Na minh'alma, onde a noite eterna esconde
Meu louco ideal num tumulo desfeito.

E onde paira a minh'alma, em trevos ? Onde ?
Foi com ella, pois bato hoje no peito
E o coração tambem não me responde !

O BATEL COR DE ROSA

(RICHEPIN)

Marinheiro feliz e alvoroçado
Que a praia deixa e arrosta o sorvedouro,
Para o paiz do sonho irei levado
Do teu cabello sobre as ondas de ouro...

Da tua saia, ao vento, o leve panno
Hade abrir-se, enfunado, como as vélas;
Quando a noite baixar sobre o Oceano,
Teus grandes olhos servirão de estrellas...

A rubra luz que o teu sorriso imita,
— Pharol da grande gavea — hade brilhar;
Meu pavilhão forás de qualquer fita,
Da carne branca o resplendor do luar.

Para ir tão longe hade munir-se a gente
De fartas provisões para a viagem:
Canções e beijos com que, certamente,
Havemos de embriagar toda a equipagem...

Desceremos, ao cabo, não sei onde,
Longe, bem longe, sob um céo risonho
Numa plaga ideal em que se esconde
O paraiso rutilo do sonho...

A POESIA

(A Arthur Barbosa.)

Foste a amiga fiel dos meus tempos de creança
E has de seguir commigo á derradeira edade,
Que assim como cantaste os poemas das esperança,
Hasde cantar tambem os hymnos da saudade...

Como uma chamma ardente e rubra e crepitante
Que ao vento cada vez mais augmenta o clarão,
Jamais has de morrer ; ouço-te a cada instante
Gemendo e soluçando em cada coração !

Em meio á funda dôr, á funda magoa em meio,
Si um sorriso me chega, intercalando o pranto,
E' que a pennugem doce e branda do teu seio
Edulçora na lyra o echo do meu canto.

Vive o sonho em teu beijo... Alli dentro é que móra,
Em frouxel perfumoso, o alado rouxinol
Sempre prompto a cantar quando desponta a aurora,
Prompto sempre a gemer quando succumbe o sol.

O' vós, almas que amais, e esqueceis a poesia
No mystico luar do vosso amor ardente :
— Este rio, que passa, é o rio da harmonia...
Parae, para escutal-o, á margem da corrente !

MILAGRE

Well Juliette! I shall lie withyjou to night...

(SHAKESPEARE.)

Um anno ha já, veiu buscal-a a morte...
Hoje, de novo, as mesmas mãos piedosas
Que ao céo se ergueram n'um cruel transporte,
Vem procural-a em seu docel de rosas.

Nem parece mudada a sua sorte :
Dos brancos pés ás faces setinosas,
Tudo inda guarda o mesmo brilho forte
De carnes que eram quentes e cheirosas...

Toda perfeita ! E alguem que a vê conforme
E calma, quebra em blócos a prisão
Em que se opera este milagre enorme...

Para traz, mão cruel! Profana mão,
Que não sabes que a cova em que ella dorme
E' a catacumba d'este coração !...

CANTARES

(J. DE DIOS PEZA)

Campo que o sol de fulgores
Jamais encheu,
Sem aves, fontes nem flores,
— Assim fui eu...

Rubro sol que os céos inflamma
De ouro e carmim,
Sol de viva e accesa chamma,
— Tu foste assim...

Sol que ao campo abandonado
Volta depois,
Campo, enfim, do sol beijado
— Somos os dois!

LES ABEILLES

Les belles fleurs parfumeuses
Des jardins sont le trésor ;
Les abeilles amoureuses
En cherchent les boutons d'or.

Dans votre bouche vermeille
Eclos une fleur du ciel :
Ma lèvre, comme une abeille,
En voudrait sucer le miel...

AS MULHERES

Flores rubras, sensuaes, da volupia e do goso,
Que enchem os corações de aroma e de veneno,
Só do fingido olhar com o phyltro mysterioso
O homem, de grande e audaz, tornam fraco e pequeno.

No entanto, na mulher, futilidade, apenas,
Em tudo, leio : o olhar presumpçoso, a vaidade
Tola e tonta, as razões, magoas, risos e penas,
Alma e corpo, amulher toda é futilidade...

Não sou dos que suppõem que a vida é triste e chata
Sem o adoravel ser que a magoa toda espanca,
Mas adoro a mulher... como adoro uma gata
Ronronando de amor, arqueada, e toda branca...

CANÇÃO

(H. HEINE)

Guardam veneno (disseste)
Meus versos ; e como não,
Si tu de veneno encheste
Minh'alma e meu coração ?

No teu conceito não mentes :
Minh'alma veneno tem,
Pois nella moram serpentes
E, alem dellas, tu tambem !

CANTARES

(J. DE DIOS PEZA)

I

A mim que importa o arrebol
Da tarde ? Que importa a aurora ?
Para esta alma que te adora,
Tu és o céo e és o sol !

II

Vem ! Deus, que é todo bondade,
Véla o nosso amor profundo,
Amor que faz neste mundo
De uma hora uma eternidade.

III

O céo resplende com calma
Dando-lhe Deus o esplendor :
Assim resplende minh'alma
Com o brilho do teu amor !

MYOSOTIS

Dizes que afflige o contraste
De ver-se a flor côr do céo
Inclinando a debil haste
Na pedra de um mausoléo...

Pois quando vieste, creança,
Já me encontraste sem vida :
Foste uma flor de esperança
Junto a um tumulo nascida !

RONDÓS

(Richepin)

Todo o orvalho
Se evapora de repente
Quando o beija o sol ardente
Sobre o galho ;
Assim meu pranto, Senhora,
Quando queres, se evapora
Como o orvalho.

Rouxinol !
O teu canto na ramada
Parece a voz constipada
De Guignol,
Si a minha amante radiosa
Solta a voz harmoniosa,
Rouxinol !

A andorinha
Volta quando a primavera
Varre o vento, e na alta esphera
Barborinha ;
Tal teu riso aos céos ufanos
Reconduz dos meus vinte annos
A andorinha.

Meus amores
São como um vinho que inflamma,
E põe no outonino uma chamma
De esplendores ;
Venha, pois, a bebedeira
Quando esgotto a taça inteira
Dos amores !

UM BEIJO

(M. FLORES)

Bacciame in bocca!

(STECHETTI.)

Quizera um beijo teu, um só, Senhora!
Um beijo só dos teus é que eu queria;
Somente um beijo o meu amor implora
Porque a gloria de dous me mataria...

Um beijo, e nada mais! Do seu perfume
Minh' alma toda se entontece e alaga,
E o anceio que em beijar-te se resume
Já nos meus labios impaciente vaga...

Minh' alma é tua; podes tu bem cedo
De teus labios prendel-o nos refolhos;
Mas não me olhes assim, que eu tenho medo
De ver tão pento os teus divinos olhos!

O céo todo se arqueia em teus abraços...
Arfa-me o peito, estuando de desejo;
Ah! Sustem-me na vida de teus braços,
Mas não me mates, louca, com teu beijo!

RESURREIÇAO

Eu te perdôo, flor, e te bemdigo :
Nem ha piedade que commova tanto,
Pois, neste de hoje, sinto o mesmo encanto
E a mesma luz do nosso amor antigo.

Longe de mim pulsou teu peito amigo ;
Sem compaixão, deixaste-me... no entanto
Houve em meu pranto um pouco de teu pranto
E em teu castigo tive o meu castigo.

A dôr, como a paixão que antigamente
Tão por justo tivemos repartida,
Repartida tivemos egualmente...

Voltas agora, triste e arrependida ;
E, mais feliz, eu dou-te, finalmente,
Todo o meu sangue, toda a minha vida !

TOUJOURS

Elle est joyeuse et céleste!

(VICTOR HUGO.)

(A M. le D· Horigoutcih.)

Pour cette femme que j'adore,
Mon cœur hélas ! va se briser,
Mais tant que je vivrai encore
J'aurai des forces pour l'aimer.

De son amour l'onde idéale
Coule et frémit comme un ruisseau...
Je suis l'obstiné de Tentale
Mourant de soif tout près de l'eau.

Tous mes poèmes doux et frêles
Me font verser des pleurs amers ;
O Dieu, pourquoi, ayant des ailes
Dois-je ramper comme les vers ?

Je meurs, mais quoique cette flamme
Trouble le calme de mes jours,
Avant de voir flétrie mon âme,
Je l'aimerai toujours, toujours !

PELLE DE TIGRE

(LA BANA)

Bella e sósinha, vi-a...
Sósinha e bella!
Numa pelle dormia
Como uma estrella.
E eu, ao lado dizia:
« Com que doce sorriso
Os corações amarras,
Filha do paraiso!

Tão linda era...
Fui a beijal-a, e as garras
Metteu-me a féra!

FRAGMENTOS

DO

POEMA

"ZAIDA"

Ao Dr Astolpho Dutra Nicacio.

NINHO AZUL

L'oiseau cache son nid, nous cachons
[nos amours.

(VICTOR HUGO.)

O dia nasce ; o sol apoplectico, rubro,
Manda á terra o esplendor de uma manhã de outubro
Dourada e virginal... Vasa na brenha dura
Aluz que boia em toda a extensão da planura,
Colleando sobre um váo, tremendo sobre um calix,
Como uma cobra de ouro a serpentear nos valles...
O céo é todo asul, toda verde a esplanada
Onde, em manhâs de Abril, ao fulgor da alvorada,
Vêm alegres cantar os rouxinóes em coro :
Como o dia que nasce, a varzea é toda de ouro...

Brilhando entre myrtaes em flor, junto á montanha
Que a agua clara de um rio em torvelinhos banha,
Ha uma casa. Em redor, as sombras do arvoredo
Dão a tudo o mysterio e a mudez de um segredo
Impenetravel como as cathedraes de Brahma ...
A ventania põe lamentações na rama

Das arvores, e o rio em que a floresta bole,
Lambe-lhe o seio ideal n'uma caricia molle...

A casa é todo branca, e na balsa remota
Descança e pousa como a aza de uma gaivota.
Em redes de torçaes, frouxas, de varias côres,
Borda os muros, em torno, uma colcha de flores
Larga, toda de aroma e seda, resplendendo
Ao sol ; brilham ao longe os pincaros ; ardendo
Num ninho quente e asul, o frouxel perfumado
Faz o leito de amor, aberto, de um noivado...

O nome da habitante... é um peccado dizel-o :
A luz do seu olhar, o ouro do seu cabello
Não têm rivaes nos sóes nem nas manhãs serenas
E claras : é uma flor entre outros mais pequenas...
Quando ella sae de casa, um instante, a passeio,
Si deixa, descuidosa, o thezouro do seio
Fugir da renda, em toda a extensão da alameda
Erra um perfume quente e sensual que embebeda...
Accende-se o vergel ao seu encanto, como
A' onda clara de luz um verdejante pomo ;
E no alto da montanha, e por todo o vallado,
Em baixo, em cima, o sol, mais quente e mais dourado
Rutila. Euche-lhe a veste o olor das brancas pomas...
Si pisa a alfombra, no ar uma oblata de aromas
Se eleva ; e as flores vão beijar-lhe os flancos, uma
Por uma, e o roseo pé feito de jaspe e espuma...
Guarda na fina pelle, em ondas voluptuosas,
A neve dos jasmins e a purpura das rosas ;
E da ancia e do prazer toda a volupia louca
Electrisa-lhe o seio e esbrazeia-lhe a bocca.
Si o vento rodomoinha em torno, ou, brisa terna,
Quer descobrir lhe o pé e acariciar-lhe a perna,
Ou, com a furia brutal de um desvairado amante,
Cobiçoso, se affoita a caminhar por diante,
Bebendo da alva pelle o aroma capitoso
Naquelle céo de carne onde lateja o goso,

A alva do seu roupão busca logo escondel-a
Como uma nebulosa occultando uma estrella.

Ha uma gala triumphal e esplendida por tudo,
Desde a gaze, ideal como o sonho, ao velludo
Que forra as dahlias ; enche a gruta a chuva de ouro
Que vasa um sol eterno e eternamente louro...
Voam, leves, as mil borboletas affoitas
Que vão brilhar alem, como um Arco-Iris, nas moitas...
Abre o monte sonoro a cortina das fraldas
Como um manto real bordado de esmeraldas.
A casa, em summa, é um ninho, é o retiro amoroso
De uma deusa. Ao clarão do dia victorioso
Ou ao raio que cae moribundo do Occaso,
Brilha da mesma luz : para tal flor, tal vazo...
Vê-se de muito longe a espalda desse monte
De cuja crypta em flor, cosida no horizonte,
Parece alçar-se ao céo, como de altar immenso,
Toda a prece do campo, entre nuvens de incenso...
De Zaida, a linda flor, este é o formoso ninho :
Tal o que faz num galho aereo o passarinho,
E que fica a cantar, palpitando na altura,
Cheio de melodia e cheio de ternura...

II

Do amor a rubra lava arde, lateja e estúa
Naquelle corpo undoso e cheio;
Na sua voz ha um brando e choroso gorgeio
De passaros; fremente e rija, a pelle núa
Põe-lhe em amojo o branco seio.

Um sopro de volupia, assanhando os desejos,
Enche-lhe as formas setinosas,
Como um raio de sol que abre lyrios e rosas;
E Ella — Via Lactea — esplende ao luar dos meus beijos
— Festão de estrellas jubilosas!

No delirio do amor collam se as nossas boccas,
E eil-as assim, como crateras
De um volcão que se accende em sua carne, féras
Que se debatem como loucas
E rugem com o furor de assanhadas pantheras...

Todo o seio lhe cinjo; o meu labio o percorre;
E, como a flor, que aspira o verme,
Assim, ponto por ponto, a cheirosa epiderme
Aspiro e palpo; nella morre
Cançado de viajar, meu labio quasi inerme...

Zaida succumbe, enfim. Arde, lateja e estúa
Todo o seu corpo undoso e cheio;
Passa-lhe pela voz um choroso gorgeio
De passaros; fremente e rija, a palla núa
Põe-lhe em amojo o branco seio...

III

Beija-me assim, que eu desejo
Queimar-me no teu calor ;
Beija-me assim, porque o beijo
E' a hostia santa do amor !

Deus, que fez a noite escura,
Creou-te para accendel-a :
— Astro, em vez de creatura,
— Em vez re mulher, estrella.

Sae do teu corpo nevado
Que toda a graça resume,
O cheiro mais delicado,
O mais secreto perfume.

Si fallas, doce e suave
A tua voz de crystal
E' como o trillo de uma ave
Cantando n'um roseiral.

Desde que a tepida aragem
Nos teus cabellos se enrosque,
Sente se a morna bafagem
Dos moitas quentes de um bosque

Das cambraias deste leito
Surge o teu corpo sem par,
Como o de Venus, perfeito,
Da branca espuma do mar.

Não fiques mais um instante
Surda ao clamor do meu rogo,
Aos labios do teu amante
Colla os teus labios de fogo!

Es' hoje um botão apenas,
Porem mais bella em botão
Que aquellas flores morenas
Dos cantos de Salomão

— Moças de lindos cabellos
Negros e de olhos divinos
Que a gente suppõe, ao vel-os,
Fitar dous sóes pequeninos...

Moças como Ruth e Lia
— Morenas em cujo olhar
Cantava toda a poesia
De uma noite de luar.

E amadas no mundo inteiro,
Tanto pelos olhos, como
Por aquelle estranho cheiro
De nardo e de cynamomo;

De peitos rijos, arfando
Com a insolencia das ondas,
Ainda mais arredondando
As bellas formas redondas...

Para este ninho, querida,
Teus doces raios conduz,
Por que esta moita esquecida
Não tem perfume nem luz.

Canta aqui! Vive cantando!
Sonorisa estes vallados,
Para que te inveje o bando
Dos rouxinóes despeitados;

Para que um novo arrebol
Doure o cimo d'esta serra
E cante tambem o sol
No melhor logar da terra!

Para que se alastrem rosas
E lyrios pelas campinas
E soltem notas queixosas
Os melros nas balsaminas.

Ardam perfumes! Rescenda
E brilhe a balsa estrellada:
Temos um lençol de renda
Nesta folhagem dourada...

Rosas, havemos de tel-as,
E luz, e aroma, e esplendores...
São nossas estas estrellas
E são nossas estas flores!

SEGUNDA PARTE

LIVRO DE ISA

O cerebro caminha mais legeiro que o coração, mas não vae tão longe...

(CONFUCIO).

Pas de religion qui ne blasphème un peu.

(V. HUGO).

INTROIBO...

> **Este livro é** um altar...
> **Ajoelha-te,** minh'alma!
>
> (ALBERTO DE OLIVEIRA.)

Este livro é um altar : em cada folha escura,
Como em cada degráo da ara de um templo santo,
Um penitente ajoelha e uma oração murmura
Com os olhos humidos de pranto...

Nelle, attenta, e escutando, entre um rumor de harpejos,
Algum canto de amor que o teu nome não traz,
Alguma flor, talvez, offertada entre beijos,
Entre outras flores acharás...

Recolhe essas tambem, filhas do sentimento,
Mortas inda ao nascer, sem luz e sem carinhos ;
D'ellas as pet'las d'ouro eu desfolhei ao vento,
Guardando apenas os espinhos...

São tuas. Tudo quanto ha em mim de almo e divino,
Tudo o que em mim palpita e em mim falla de amor,
Pertence-te : minh'alma é tua ; meu destino
E' teu ; é tua a minha dôr...

Tudo, tudo : o futuro, o presente medonho
E o passado infeliz, de dubia claridade,
Que inda vejo atravez da aza triste do sonho
— Roxa alameda da saudade...

Deixa que d'este livro em cada folha escura
Eu erga ao teu amor o degráo de um altar :
Nelle minh'alma ajoelha e uma oração murmura,
Sempre a soffrer, mas a cantar...

POEMA DE ISA

I

Do sagrado instrumento corda a corda
Vibrando, puz em cantos redoirados
Toda a alegria que de mim transborda.

Mas, fugindo dos homens revoltados,
Fui proclamal-a, audaz e alviçareiro,
Ao mar, aos céos e aos campos perfumados...

E parti. Lyra em punho, um poema inteiro
'Nalma a cantar, busquei do vasto mundo
Perlustrar os arcanos... Fui : primeiro,

Ao mar. Ao velho mar cavo e profundo
Desci. Tritões e nymphas, em porfia,
Ao meu canto accudiram, n'um segundo.

E ao mar fallei na gloria e na alegria
D'este amor que ao céo claro me arrebata
E que é o meu sonho, a minha luz, meu dia !

E, triste, o mar : « Essa, formosa e ingrata,
Das nymphas a mais bella, era beijada
D'estas espumas alvas como a prata ;

Um dia, entre os pallores da alvorada,
Como Aphrodita á luz da Grecia antiga,
Foi ás ondas do Oceano arrebatada...

Minha dôr, desde então, nada ha que a diga :
Nem os versos de Homero, nem de Horacio
As odes — nada esta paixão mitiga !

Por isso, em raiva como um Deus do Lacio,
Chóro, quando a bramir na praia estouro,
A perola melhor do meu thezouro,
A nympha mais gentil do meu palacio.

II

Aos céos, depois, subi : sonho de poeta
Foi o que me levou, mas sonho ardente
Como o carro de fogo do propheta...

E interroguei a abobada esplendente
Prenhe de estrellas e de nebulosas
Que se accenderam todas, de repente...

E o céo tambem, choroso, estas saudosas
Palavras proferiu : « Tenho a tristeza
Das noites longas e tempestuosas...

Já não sorri, cantando, a Natureza
Sob um pallio de luz ; si aqui não foras,
Não me accendera agora, com certeza.

Brilho ainda, mas vê que enganadoras
Luzes, alem... para de longe vel-as
Só dos poetas as almas sonhadoras.

E' que falta hoje ao céo, para accendel-as,
Seu corpo astral, que o mundo illuminava,
Mais claro do que todas as estrellas !

Partiu a ingrata da mansão que a amava ;
Na terra, onde de luz não deixa um traço,
De um poeta agora, anda, sonhando, escrava ... »

Correndo a resguardal-a de algum laço,
De escondel-a, inda mais, veiu-me a idéa :
Vi a lua, entre nuvens, de alcatéa,
E os cometas de ronda pelo espaço...

III

Aos campos fui depois... Que scena extranha !
Das arvores as comas farfalhantes
Desgrenhavam-se ao vento da montanha...

Tudo o contrario do que eu vira d'antes :
Não mais zumbia em torno a um doce calix
O enxame das abelhas susurrantes...

Dir-se-hia que fugindo a extranhas males,
Perdera-se na brisa e nos perfumes
A alma errante e buccolica dos valles!

Não mais pouso e mansão de ethereos numes,
Só á noite os percorre o alado bando
Das mariposas e dos vagalumes...

E fallaram tambem os valles, quando
Inquirindo da magoa que os premia,
Fui as flores e o sol interrogando.

E um sylpho entre os rosaes assim dizia:
Inda perguntas, ó malvado e astuto,
Qual a razão desta melancolia?

Tu, que um roubo fizeste, audaz e bruto,
Nem devias pisar as veigas claras
Que assim cobriste de tristeza e lucto!

A oreada gentil de prendas raras
Roubaste-a, infame! Erra a magoa, por isso,
Nos vergeis e nas rutilas searas...

Foi-se das flores todas o feitiço;
Perdeu de alvor a luz das madrugadas,
As rosas já não têm nem côr nem viço...

Foi se a alma do verão: as mãos rosadas,
E os cabellos que o sol punha, de escuros,
Louros, da côr das espigas douradas,
Louros, da côr dos milharaes maduros!...

IV

Aturdido e confuso a tantas vozes
Que na treva e na luz me apostrophavam,
Voltei ao peso de paixões atrozes :

Céos e campos a um tempo proclamavam
Meu thezouro real. As ondas querulas
Sobre as areias de ouro marulhavam

As angustias do mar... E elle as carcerulas
Mais puras dera em troca, e dera ainda
Seu largo escrinio de coraes e perolas...

Mas como o avaro, com cautela infinda,
Guardo o thezouro regio e fabuloso
Da minha joia encantadora e linda !

Em toda parte um echo lastimoso
Ouvi desse pezar que por momentos
Simples murmurio pareceu sandoso...

Só agora interpreta em taes lamentos
Minh'alma, que por fim d'elles não zomba,
A tristeza do céo, a voz dos ventos
E a colera do mar quando ribomba !...

MOYSÉS

Eu tambem caminhava entre a neblina,
Como Moysés pelos desertos tredos,
Buscando o ideal da terra peregrina
De que só tu conheces os segredos.

Tive sêde, tambem, ancias e medos;
Do Amor, porem, á tua voz divina,
Fendeu-se a penha brava, e entre os rochedos
A agoa jorrou sonora e crystalina...

Es' o balsamo bom do meu desgoto,
O arco Iris entre mim e o mundo posto,
A columna de fogo do deserto

Que encobre o ardor do sol durante o dia
E os escuros caminhos me allumia
Quando as sombras da noite chegam perto.

PRIMEIRO BEIJO

Leio a um canto da sala; e, emquanto, lendo,
Perscruto, em torno, os mudos corredores,
Vejo-te entrar, na leve mão trazendo
Um leve ramo de olorosas flores.

Mensageiras gentis dos teus amores,
Junto de mim o olor ficam vertendo;
E um longo beijo, cheia de rubores,
Deixas cahir na minha face, ardendo...

Bemdita redempção! Bemdito dia
Que, em vez do vão fulgor de uma chimera,
Minh'alma encheu de luz e de harmonia;

Porque este beijo, que assim canta e espera,
E' a primeira cigarra que annuncia
Do nosso amor a eterna primavera!

DESVARIO

Desvario, paixão, febre, loucura...
(Chama como quizeres esse estreito,
Rijo tormento de masmorra escura
Que me espedaça e dilacera o peito !)

No painel do meu sonho, onde fulgura
Todo o verão de que teu beijo é feito,
Passa o fremito alado que susurra
Entre os linhos cheirosos do teu leito...

Volto á razão e recupero a calma ;
Mas a febre me deixa inda alquebrado
E a phantasia as azas de ouro espalma...

Por ti renego as crenças do passado ;
Por ti profanarei toda a minh'alma
Na volupia do crime e do peccado...

CANTA

Hynverno triste e luctulento :
No meu jardim nem uma rosa !
Treva a negror... Zarguncha o vento
Na noite fria e tenebrosa.

Que nos importa o hynverno, agora ?
Cante e papeie a tua voz...
Si ha muita treva lá por fóra,
Ha muito asul dentro de nós !

NOITE DE HYNVERNO

Tece Junho, o glacial, de candidas neblinas
O frio véo da noite em lucto ; pavorosas,
Rondam trevas em torno ás mudas casuarinas...
Anda o vento a despir a tunica das rosas.

Viemos os dois, fugindo ás insidias raivosas
Da lufada ; e ainda assim, na alcova, onde as franzinas
Mãos lhe affago, a tremer, duras e tormentosas
Picam, do frio, a carne, as agulhas mais finas.

Ao leito, enfim, seu corpo ascende, como a lúa...
E alli, qual pelo espaço, entre vivos lampejos,
A estrella em fundo céo fluctúa, ella fluctúa...

Louco, então, de volupia, ebriado de desejos,
Por lhe aquecer a carne alva, cheirosa e núa,
Ponho a queimal-a toda a pyra dos meus beijos !

NOVA LUZ

Sei que lês estes versos, vagamente,
Como estrophes de anonyma poesia,
Razão porque não canto o que a alma sente
Nem digo tudo o que dizer podia.

Embora! Bebo o olor, sorvo a torrente
De luz que de teu corpo se irradia,
Pois nunca vi cantando juntamente
Tanto fulgor e tanta melodia!

Para longe as estrophes que choraram!
Para longe essa nuvem tenebrosa
De dias tristes e de luz tão pouca;

Arderam novos céos, quando escutaram
A tua bocca lubrica e cheirosa
Rolando beijos sobre a minha bocca!

ZAGALA

E' cedo ainda ; á brisa que farfalha,
Passas, na aza subtil de um sonho brando,
De vara em punho e de chapéo de palha,
Pelos campos alegres passeando...

A' velha moda, então, de Pan, me calha
Seguir-te, a furto ; e um calamo cortando,
Delle vou, á manhã que os sons espalha,
Cantos de amor num pifano soprando...

Da agreste frauta aos tremulos harpejos,
Digo-te terna e doce e brandamente
Quanto nutro em chimeras e em desejos...

E adormeces ao som dos ais tristonhos,
— Linda zagala dos meus doces beijos,
— Leda pastora dos meus pobres sonhos !

NANHÃ DE AGOSTO

Accordo. A' musica de ouro
Do dia, corro á janella :
— « E' Ella que canta em côro
Com os passarinhos... é Ella ! »

Digo ; e, entre as galas douradas
Dessa bacchanal pagã,
Solto as estrophes aladas
Na limpidez da manhã.

Canta-me n'alma a alegria
E a vida canta lá fóra :
Sahiu apenas o dia
Do roseo banho da aurora...

Tanto essa luz vasa o calix
Da dôr, e cantando vem,
Que eu cuido que pelos valles
Ella gorgeia tambem !

Desprende a manhã tão linda
Tão perfumosa canção
Que eu levo horas ainda
Sem desfazer a illusão ;

E digo, á musica de ouro
Que alaga a minha janella :
« E' Ella que canta em côro
Com os passarinhos... é Ella ! »

Mas apenas no arvorado
Afina um melro a garganta...
Só na minh' alma, em segredo,
E' que Ella gorgeia e canta !

EM PASSEIO...

O' que famintos beijos na floresta!
E que mimoso côro que soava!

(Camões.)

Ao longo da alameda, caminhando
Fomos os dois... Fallavamos de amores...
Ao teu encanto a luz ia brotando;
Sob os meus pés iam brotando flores...

Tinhas no rosto esse fulgor divino
Que a febre accusa e ao extase arrebata;
O sol radiante dardejava a pino
Quando comtigo penetrei na matta...

Uma orchestra de aromas e de minhos
Sonorisava o bosque e os verdes ramos;
Em arremedo aos outros passarinhos
Trillava perto a voz dos gaturamos.

Tudo ardia de inveja e de ciume!
Manso arrullavam jiritys e rôlas;
Das flores evolava-se o perfume
Como num templo o incenso das caçoulas.

Tatalando, ao rumor do nosso idyllio,
Em cada moita, aberta á luz ridente,
A aza de ouro de um verso de Virgilio
Errava... errava, em torno, o sol ardente...

Quando trocamos o primeiro beijo
Louco, amoroso, quente, apaixonado,
Resoou na floresta um longo harpejo
Que os seraphins no céo tinham vibrado!

Toda a matta, em redor, cheirava e ardia,
A alma banhando em sensações extranhas;
O prorio céo mais alto parecia...
Pareciam mais altas as montanhas;

Depois... porque contar toda a loucura?
Veiu a vertigem... Mudos, silenciosos,
Cingimo-nos, e ao peso da ventura
Nossos corpos dobraram-se amorosos...

Quando te alcei d'essa paragem florea,
Soavam hymnos de amor; e uma cigarra,
Como a entoar-me um canto de victoria,
Tocava no alto a estridula fanfarra!...

EM VAO

Em vão a nossa calma
Busquem toldar... em vão :
Tudo o que diz minh'alma
Repete o coração !

Esqueço a dôr de outr' ora
Como si um sonho fosse,
Para dormir agora
Somno mais calmo e doce.

O teu altar incensam
Meus versos com fervor,
E eu canto a paz e a benção
Do teu divino amor !

Que os olhos teus me firam :
Não fallo como os poetas
Que, emphaticos, suspiram
As dôres mais secretas,

E em rimas de ouro e opala
Buscam real thezouro :
O amor somente é gala,
Somente o amor é de ouro.

O verso mais singelo,
Mais lepido, traduz
O encanto desse anhello
E o brilho dessa luz.

Não vale gastar mezes;
Basta-me a Musa antiga
Para dizer-te, ás vezes,
Uma palavra amiga.

Quem é que ensina o meio
De rutilar ao sol?...
E' limpido o gorgeio
Do livre rouxinol!

A mais doce harmonia
Susurra a aza do vento:
Si é velha a poesia,
E' velho o sentimento.

Pos isso assim te incensam
Meus versos, linda flor,
E eu canto a paz e a benção
Do teu divino amor;

E esplende, na chimera
De um sonho doce e terno
A eterna primavera
De nosso amor eterno!

Busquem toldar a calma
Do nosso affecto... em vão!
Tudo o que diz minh' alma
Repete a coração...

VELHA CANÇAO

Ouvindo o canto que ensaíaste agora,
Lembrou-me o tom ligeiro
De uma velha canção que ouvi outr'ora
No rancho de um tropeiro.

Eram versos de um peito apaixonado
Que o trovador queixoso
Rimava num sospiro prolongado
Do violão choroso...

Dizia assim : « Do amor perdeu-se a chamma
Que escravo teu me fez,
Porque basta somente ser, quem ama,
Enganado uma vez... »

Guardei da toada os versos e o quebranto
Que de cór aprendi,
E do tropeiro, muito tempo, o canto
Sósinho repeti.

Ouvindo o trecho que ensiaste agora,
Passou-me pelo ouvido
D'essa mesma canção, que ouvi outr'ora,
Um echo dolorido...

ILLUSAO

« — Heide esquecer-te... (digo, presumpçoso
De cumprir tal protesto) — E' bem que esqueça
Quem tanto esquece ; altivo e caprichoso
E' justo, um dia, que eu tambem pareça !...

« Heide varrer de dentro do meu peito
Toda a memoria d'este amor ingrato ! »

E á noite, vou beijar, quando me deito,
Tuas cartas, teu lenço e teu retrato...

NEBULOSA

Vi-te radiante, envolvida
No teu roupão côr de rosa,
Como uma estrella escondida
No alvor de uma nebulosa.

Nos olhos lucidos, davas
A visão de uma chimera,
E no corpo, em flôr, guardavas
O olor de uma primavera.

E eu vi, na minh'alma escura,
Tocada do teu sorriso,
A mesma luz que fulgura
Lá dentro do paraizo!

Por isso, já deslembrado
De um pesadello medonho,
Quiz percorrer, a teu lado,
Toda a paysagem do sonho...

E, embora já quasi morto
Do fogo em que tu me abrazas,
Dormi feliz, ao conforto
Das tuas candidas azas.

BIANCO VESTITA

Si houvesse luz inda um dia
Em meu coração desfeito,
Em vez de versos e dôres
Eu certamente a daria
Por uma só dessas flôres
Que brilham sobre o teu peito...

Porque de branco vestida,
Com tantas flôres, que, ao vêl-as,
Tenho ciumes brutaes?
E' justa a razão, querida:
Por entre a nevoa, as estrellas
Podem brilhar muito mais!

NUVEM DOURADA

Soffre minh'alma
Vendo-te, a olhar
A nuvem calma
Que passa no ar...

— Nuvem dourada
Do firmamento,
Sempre tocada
Da aza do vento,

Por esta vida
Minh'alma passa
Sempre batida
Pela desgraça.

Mas faz-se mansa
Quando a illusão
Põe a esperança
No coração;

Da magoa zomba,
Quer teu carinho...
E' como a pomba
Buscando o ninho...

Mas tu, que o orgulho
Guardas da flôr ;
Ouvindo o arrulho
Da minha dôr ;

Deixas minh'alma,
E olhas, scismando,
A nuvem calma
Que vae passando !...

VERÃO EM FESTA

Canta o verão esplendido. A alameda
Rutila, cheira ; e no alamo, e na parra,
Por onde vôa a borboleta leda,
Fulge a luz, canta estridula a cigarra...

Dardeja o sol, que o pallio de ouro amarra
A' aza que rufla a amarrotada seda ;
E ouve-se a voz dos ninhos, e a algazarra
Deste perenne idyllio que embebeda !

— Isto dizem os poetas, insensatos
Que o rutilante brilho dos espathos
Olham, sem vêr nem uma flôr como esta...

Só tu, dourada e fulgida chimera,
Tu, que és todo o verão e a primavera,
Déras mais luz, mais ouro áquella festa !

DIANA

Causa d'este pezar sem lenitivo
E's tu, a Diana caçadora e brava
Que quer que eu sinta e que supporte vivo
Todas as settas que inda tens na aljava!

Impia e cruel, no ardor do gesto altivo
Vibras o dardo que o desdem me crava,
Porque eu, que sou do teu poder captivo,
Vi-te tambem do meu amor escrava!

Mata-me; vence, emfim! Quando a agonia
Turvar-me á face os ultimos pallores,
E a alma me achares regelada e fria,

Lembra-te, ao menos, que eu morri de amores,
Para que possas d'essa aljava, um dia,
Todas as settas converter em flôres!

IMPOSSIVEL

(J. D. PEZA)

Não me podes amar... fôra doidice
Torcer a sorte que se faz mesquinha :
Si a mesma sorte um dia nos unisse,
Serias infeliz por seres minha!

AO LUAR

Era tarde e a noite calida
De uma doçura sem fim,
Quando penetrei precipite
Nas sombras do seu jardim

Por entre a fila das arvores
Seu vulto me appareceu ;
— Julieta inquieta e romantica
Vinha em busca de Romeu...

O amojo dos seios tumidos
Erguia-lhe o alvo roupão
Mais rutilante que a chlamyde
Das virgens de Salomão.

Entre as sombras dos sycomoros
Fomos, por fim, passear...
No céo errava a luz pallida
De um merencoreo luar.

Tomei-lhe, apos, a mão gelida
Tão linda como uma flôr,
E puz-lhe nos labios tremulos
Um longo beijo de amor...

Ao fundo escuro da chacara
Tomou-me a paixão voraz ;
Errava, em torno, balsamico,
O aroma dos manacás...

Veiu então a febre languida
Que sempre chega depois,
E presos da mesma syncope
Desfallecemos os dois...

. . . .
. . . .
. . . .

Fugimos ; a aurora fulgida
Do Oriente já vinha á flux :
Fomos os primeiros passaros
Que viram surgir a luz...

———

7

VIDA E MORTE

Fallar-te, filha, da melancolia
Que enlucta esta alma de te amar cançada,
E' a prece que me escutas desde o dia,
Desde o momento em que te viste amada.

Sinto, no entanto, o vacuo, em torno ; e em cada
Hora, que passa, um dardo de agonia...
E a lembrança de tudo, hoje apagada,
Lanças ao vento, como a cinza fria !

Nem sei dizer-te, pomba extremecida,
Que véo pesado ensombra a minha sorte,
Que mal cruel gangrena esta ferida !

Tropeçando e a cahir, vago sem norte,
Pois, si em tua lembrança busco a vida,
Acho na ausencia, a solidão e a morte !

DUAS AZAS

Nos seus dous olhos negros, tempestuosos,
Em que um fragor de coleras rebenta,
Tenho a visão dos mundos tenebrosos
Em que ruge a paixão, como a tormenta

Mas vejo nelles desfilar, ao menos,
Dos meus ideaes a morta caravana,
Porque só ella guarda a luz de Venus
E de Minerva a graça soberana.

Só ella, ao vêr-me padecer afflicto,
Mede os mundos de dôr que em mim abranjo;
Só ella em meio á treva em que me agito
Põe o fulgor de duas azas de anjo!...

STELLA CONFIDENTE

D'entre o mundo de estrellas, que fulgura
Pelo esplendor da abobada arqueada,
Ha uma estrella, uma estrella ha nessa altura
Que guarda a luz da tua fronte amada :

E' Venus. Toda a longa madrugada
Falla de ti, doidas canções murmura...
Por ella sei que tens a alma enluctada
Porem cheia de amor e de ternura.

Contei-lhe dos meus males a inclemencia,
E ella hade repetir ao teu ouvido
Toda a *romanza* d'esta penitencia...

Ouvirás o seu canto dolorido,
E hasde saber que eu tenho, pela ausencia,
A alma sem fé e o coração partido.

PEDIDO

Dizes que não te esqueça, e que em meio ao deserto
Em que sósinho me deixaste,
Andam beijos errando, e me assistem de perto
O amor e a fé que me juraste...

Esquecer o martyrio ? E' inutil o teu rogo...
A mesma febre me consome,
E em minh'alma deixei gravar com sangue e fogo
As cinco lettras do teu nome...

PAYSAGEM

Quão longe estamos do viver de outr'ora!
Como ennublaste o sol d'aquelle dia!
Já nem posso, siquer, dizer-te agora
O que a cada momento eu te dizia.

No entanto, fulge a primavera; Flora
De ricas, novas galas se atavia,
E borda a rosea tunica da aurora
Que, da aurea porta do Oriente, espia...

Na téla d'este sonho, que resumbra
A frescura de um bosque, eu vejo a imagem
D'este verão de amor que me deslumbra;

E' o mesmo céo, a mesma ideal paragem;
Só a saudade põe uma penumbra,
Um crepusculo triste na paysagem...

MINHA MUSA

Presa ao extase suave
De uma tristeza sem par,
Minha Musa é como uma ave
Que anceia apenas voar...

Chega ás paragens secretas
Do desespero e da dôr
E aonde vão as inquietas
Azas do beijo e do amor...

Faz um bàtel pequenino
De pandas, purpureas velas,
E, num clarão matutino,
Ascende ao céo e ás estrellas!

Com ellas falla e conversa
Da alcova dos arrebóes
E desce tranquilla, immersa
Na luz de todos os sóes.

Vive, filha, neste mundo,
Mas vae ao céo onde móras,
E mergulha no profundo
Mar Vermelho das auroras...

Versos meus ! Rimas que faço
No arroubo audaz da paixão !
Versos que sois como um laço
Apertando um coração ;

Flôres partidas nos campos
Ao bafo impuro do vento ;
Bando azul de pyrilampos
Na noite do meu tormento ;

Si achais um raio do dia
Para dourar minha cruz,
E' que no olhar de Maria
Fostes beber toda a luz !

VELHO THEMA

Fatigado viajor, que do deserto,
Ledo, percorre o areal que o sol castiga,
Busca um pouso na terra, onde se abriga,
Vendo as sombras da noite que vem perto.

Assim tambem, — ó minha doce amiga! —
Em meio ainda do percurso incerto,
No teu regaço, para mim aberto,
Fui repousar, exhausto de fadiga...

De uma planta fatal, que em meio á trilha
Em flôres perfumosas se desata,
Bebe a morte o viajor que o somno pilha...

Assim teu beijo a vida me arrebata
— Beijo que guarda como a mancenilha
O mesmo aroma que envenena e mata!

LENDA MYSTICA

Contam de formosissima princeza
Que tão piedosa aos pobres se mostrava,
Que, por milagre, a propria natureza
Do seu poder mostrou-se um dia escrava.

Era o caso que a dama celebrada
— Bella e fidalga — tinha por desvéllo
Estancar toda lagrima brotada
No sitio em que torreava o seu castello.

Como um anjo de Deus, cortando o espaço
Que mal purpureava a luz da aurora,
Humilde, olhos no chão, cesta no braço,
Ia, furtiva, pela estrada afóra...

Pães despejava ao collo da indigencia,
E nas lagrimas punha o santo orvalho
Com que molhava as faces da innocencia
Orphã da luz, do amor e do trabalho.

Viu-a o principe um dia, e emquanto, irado
Quiz a tanta piedade oppor furores,
Força foi que um milagre inesperado
Os pães da cesta convertesse em flôres...

Houve tempo tambem em que, desfeito
E preso nesse olhar que tudo acalma,
Dividia em sospiros o meu peito,
Repartia em pedaços a minh'alma...

Hoje tudo passou; frios, medonhos,
No passado se arrastam meus desejos :
Nas nossas almas já não moram sonhos,
Nas nossas boccas já não rolam beijos...

E — milagre inaudito — quando a fria
Morte encheu de minh'alma os universos,
Da propria dôr e da melancolia
Surgiram rimas, rebentaram versos...

TROVAS

I

Do meu peito a dôr secreta
Quizeste ainda augmentar
Cravando nelle uma setta
Que envenenaste no olhar.

Insensata, que não vias
(Tanto te céga a paixão)
Que a ti mesma te ferias
Ferindo-me o coração!

II

Querendo ver-me sujeito
A' morte, mais de uma vez,
Déste o exemplo perfeito
De um sacrificio chinez.

Sinto que d'ella te prive,
Mas não traz gloria ou conforto
Matar a quem já não vive,
Dar punhaladas num morto.

III

De um rei contaram-me um dia
Que em seu thezouro guardou
Tanta luz de pedraria
Que os proprios olhos cegou

A mim não me fez cegar,
Mas poz a minh'alma louca
A luz que vive a brilhar
No escrinio da tua bocca.

DE VOLTA

Torno da terra das manhãs brumosas,
Das noites cheias de melancolia,
Onde as cecens e as orvalhadas rosas
Abrem-se aos beijos humidos do dia.

Deixei o sol e as brisas rumorosas
Que cantam lá com muito mais poesia,
Mas vim beber em amphoras cheirosas
A luz que de teus olhos irradia...

E hoje, feliz porque de ti estou perto,
Recobro aos poucos o perdido alento,
Meu coração de encontro ao teu aperto;

Sinto-o que pulsa de contentamento,
Ao vêr que brilha sobre o meu deserto
Um novo sol e um novo firmamento!

A ENTREVISTA

Espero-a. Toda a tarde e todo o dia,
Afflicto, andei, na ancia de vêl-a; e agora,
Este vento a zunir na ramaria
E esta chuva monotona lá fóra!...

Olho o relogio que se move ao fundo
E, ora lento, ora presto, vae medindo
Cada minuto mais, cada segundo
E os sonhos que com elles vão fugindo...

Um ruido... alguem!... Corro, abro a porta : fria
E negra é a noite... Apenas, a esta hora,
Zune o vento na densa ramaria,
Cae a chuva monotona lá fóra!...

« Ella não vem, — murmúro desolado —
E, no entanto, a paixão, que me enche o peito,
Bem podia aquecer-nos um bocado
Entre as rendas cheirosas d'este leito! »

Paro; escuto, impaciente... Que agonia!
Nada... Em meio da treva que apavora,
Zune o vento na densa ramaria,
Cae a chuva monotona lá fóra!

« Já não virá... Que chuva impertinente! »
Vou fechar... e eis que um vulto, da espessura
Da treva, surge, e passa-me na frente
Como o ruflo de uma aza... oh! que ventura!

Chega a vingança contra a noite fria :
Beijo-a toda... arde a carne, em fogo... Agora
Zuna o vento na densa ramaria,
Caia a chuva monotona lá fóra!

ESQUECIMENTO

Si queres india vêr como escondida
Guardo no peito a tua imagem pura,
— Imagem que no céo da minha vida
E' como um sol ardente que fulgura;

Convida o coração na sepultura
A viver e pulsar por ti; convida
Minh'alma para amar de novo; cura
A, que lhe abriste, caustica ferida...

Só pedira a paixão com que me illudo
Que um raio apenas d'essa luz me désses,
E uma palavra do teu labio mudo;

Mas nem ouves, siquer, as minhas preces;
E emquanto, para amar-te, esqueço tudo,
Tu, por um nada, o meu amor esqueces.

NO CAMPO

Para calmar tantas dôres
Busquei a vida dos campos;
Aqui brilham mais as flores,
E os pyrilampos...

Arde o sol pelos vallados,
E na aza dos colibris
Quebra os escrinios dourados
Onde guarda os seus rubis

Agil, leve, em leve adejo,
Acceso em purpuras, Maio
Traz um riso em cada beijo
E uma flôr em cada raio.

Um novo canto enche o valle
E ao longe, no alto, se perde...
Só esta musica vale
As symphonias de Verdi!

A aurora visita os ninhos :
— Grisette de mãos rosadas,
Pula e canta ; os passarinhos
Respondem com gargalhadas...

A magnolia expõe á brisa
O seio branco... ora esta!...
Olha, em fraldas de camisa,
A outra dormindo a sesta!

Não sente ahi quem se affoita
A ficar de todo exhangue...
Stá quente ainda esta moita;
Naquella ha um pouco de sangue...

Um beija flôr o aproveita
Na pintura de uma dahlia
Que hade sahir mais perfeita
Que os quadros todos da Italia.

Filha! Para estes instantes
Traz o teu corpo gentil:
E' mais um casal de amantes
Que vem ás bodas de Abril...

Tão leve e fragil como és,
Procura sempre uma sombra...
Não te vá magoar os pés
O velludo d'esta alfombra...

Não ha flôr que não comprehenda
Os nossos beijos rythmados:
Vem, Amor! Abre-me a tenda
Dos teus cabellos dourados!

Vem, junto á fonte sonora,
Na gruta que nos espera,
Beber os beijos da aurora
E o aroma da primavera!

HELIANTHO

(A Eugenio de Magalhães.)

E'o anthos de ouro, a flôr apaixonada,
Gemma que fulge em limpido crysol,
A flava espuma enfim crystalisada
Pelas caricias rutilas do sol.

Vendo a alameda tepida e abrazada
Onde se espande o fulvo gira-sol,
Nem sei si esse fulgor da luz dourada
Sóbe do campo, ou desce do arrebol...

Ah! Si eu mudar pudesse, num instante,
A alma da ingrata nessa flôr constante
Que só bafeja a viração do sul,

Veria a mesma esplendida miragem
Do campo, e na minh'alma a sua imagem
Veria abrir-se, como um sol no asul!...

DISCORDANCIA

Dizes que és bella, e que, por isso, o mundo
Tens fechado na mão —
A forma é boa, mas, talvez, no fundo,
Tu não tenhas razão :

Douram-te a fronte os arreboes suaves ;
O teu sorriso canta,
E a mais canora e estridula das aves
Prendeste na garganta;

Teus olhos ferem, causam-me desmaios :
São dous profundos céos
Cortados de relampagos e raios,
De gritos e escarcéos ;

Quando, o primeiro trillo desferindo,
Saes pelo campo afóra,
Eu não sei quem as rosas vae abrindo,
Si és tu, ou si é a aurora...

Deu-te o vergel da tua adolescencia
O aroma de uma flôr,
E deu-te á carne uma secreta essencia,
Um extranho calor ;

No entanto, vê : o teu olhar macio
Que as flores desabrocha,
Nem o meu peito fere, como um rio
Que abre, lento, uma rocha...

De que vale esse brilho extranho e louco?
De que vale essa luz ?
Tens nos olhos o céo — isso é bem pouco —
Tens nos braços a cruz !

Não te illudas, portanto. Guarda n'alma
O seu casto perfume ;
Assim terás a ingenuidade e a calma
Que a innocencia resume.

Só a poesia tem raios brilhantes
Para o teu arrebol :
E's como a joia que não tem cambiantes
Sem um raio de sol.

Emquanto apenas doure a formosura
Essa face de rosa,
Não vencerás, Amor, a rocha dura,
Não vencerás, formosa !

Belleza fatua ! A' minh'alma perdida
Brilharás, afinal,
Como junto de um corpo já sem vida
Uma chamma mortal.

Todo esse brilho hade passar ainda
E has de cahir de chofre,
Como uma joia pequenina e linda
Na escuridão de um cofre...

TOXICO

Minh'alma, ao ver-te passando,
Sospirando
Já vencida, se julgava
Tua escrava.

E queria com ternura
A ventura
De vêr junto ao coração
Tua mão.

Que morrera entre os escolhos
Dos teus olhos,
Toda hora e todo dia
Me dizia.

Mas achava duvidoso
Mesmo o goso
De uma esmola inda alcançar
Desse olhar...

Sospirava a toda hora,
Como agora
Quando um raio nem alcança
De esperança!

Procurava o pariazo
No teu riso,
E apagar no teu amor
Toda a dôr.

Sospirava delirante
Pelo instante
Em que um dia inda beijasse
Tua face...

— Sonho bom, quasi innocente,
Certamente:
Beijo dado entre dous ais,
Nada mais!

Mas qual busca a borboleta,
A violeta,
Foi buscar minh'alma louca
Tua bocca.

Pobre abelha d'estes valles,
No teu calix
Onde os outros acham mel,
Achou fel!

Foi matar o seu desejo
No teu beijo;
Mas o philtro, que era forte,
Deu-lhe a morte...

SONHO

Sonho com ella, Coisas exquisitas
Sonho : vejo-a atravez das noites bellas
A vagar nas alturas infinitas
Corado de rosas e de estrellas...

Ouço-a que falla entre o fulgor dos astros
Cheios da sua luz... Para escutal-a
Applico o ouvido, e, attento, ando de rastros
Por vêr si ouço melhor o que ella falla !

Tornam-lhe as flôres a candura; brazas
O sol ardente, os astros a belleza ;
A pomba leve fremito das azas,
E o quente aroma toda a natureza !

Deixa um queixume em cada rosa ; em cada
Calix derrama o matutino orvalho ;
Abre um riso no céo pela alvorada
E um ninho faz cantar em cada galho.

Por longo tempo assim paira e fluctúa
No largo espaço que o seu riso enflóra ;
Do seu seio de neve surge a lua,
Dos seus labios de fogo surge a aurora...

Desce depois num raio de ouro ; adeja
Em torno a mim, como no espaço um cumulo,
E esvae-se, como a sombra, quando beija
De leve, a fria lapide de um tumulo...

Caio vencido, prostro-me de joelhos ;
E d'este sonho lubrico, somente
Acordo, quando banham todo o Oriente
Da aurora os fogos e os clarões vermelhos...

Porque vews despertar a minha crença
E em sombras desfazer meu sonho louco
Deves saber que a tua indifferença
Matou-me a vida e os sonhos, pouco a pouco...

Some-te... O meu amor — aguia indolente —
Paira na sua habitação etherea,
Como a rhena que vive eternamente
Nas savanas geladas da Siberia...

TEU NOME

Teu nome é mais suave e mais doce que a taça
De um vinho embriagador que as dôres me consome;
A douda viração, quando tremula passa,
Minh'alma enche de luz com o echo do teu nome!

Enche todo de paz e harmonia o Universo
E um dourado clarão verte na minha vida
Si contemplo feliz, da alta torre do verso,
Todo o immenso luar do nosso amor, querida!

E' o nome que no céo toda uma côrte adora
E acclama, entre o fulgor de uma gloria infinita!
Fonte clara de amor, raio da eterna aurora
Que em cada coração resplandece e palpita!

Almas baixas e vis, vendo-me teu escravo,
Fazem-me caminhar pela estrada da dôr,
E crendo me atirar um espinheiro bravo,
Atiram-me por cima uma roseira em flôr!

Nella quero picar a carne lancinada
Para melhor sentir o olor dos teus carinhos...
Não vale tanto a gloria aos fracos arrancada
Nem vale tanto a flôr quando não guarda espinhos!

Podem partir, por fim, toda a nossa ventura,
E envenenar a luz que em ti vivo bebendo...
Para um dia as matar, almas da treva escura,
Do meu verso farei um latejo tremendo!

Das mortas illusões sobre o immenso destroço,
Ficarei a chorar o passado e o futuro;
E estes favos de mel com que os versos adóço,
Serão peçonha e fel, serão veneno puro!...

ULTIMO SONHO

Não te vêr junto a mim, porque estás longe?
Mas a sombra do Deus, que nelle habita,
Não vê, acaso, o solitario monge
Em toda a luz da abobada infinita?

Pois que em ti toda a vida se resume,
Como deixar de vêr-te e de adorar-te,
Si em toda parte aspiro o teu perfume
E o teu fulgor diviso em toda parte ?

Por elles se desfez minh'alma, e em meio
Do naufragio, a roçar por entre abrolhos,
Fui buscar um abrigo no teu seio
E um raio de esperança nos teus olhos.

Por elles, do encantado paraizo
Do amor, baixei ao carcere das dôres,
E hoje sômente sobre espinhos piso
Quando pisei outr'ora sobre flôres.

E' minha esta illusão... Caio com ella
— Luz que me aclara as portas de outro mundo...
Deixa-a brilhar... é força que uma vela
Arda sempre na mão de um moribundo !

8.

ILHA ENCANTANDA

Que mais espero? Naufrago que espanta
O fragor da tormenta, e a alma encarquilha,
A esta plaga aportei; tu, porem, santa,
Vives cantando em torno desta ilha!

E's de meu sonho triste a maravilha,
A cheirosa manhã, que se levanta,
Que, como um raio crystalino, brilha!
Que, como uma harpa enternecida, canta!

E érro, entre fragoas tetricas e extranhas,
De onde vejo montanhas e montanhas
Toldando a luz desse funereo dia...

Si, pois, da morte já me espera o goso,
Dá-me em teu seio o ultimo repouso,
Dá-me em teu labio a ultima agonia!

CASTIGO DOBRADO

Si é por acaso um culpado
Aquelle que te quer bem,
Dá-me o castigo dobrado,
Porque eu já tenho peccado
Por dez, por vinte, por cem.

NO MORE

Inda haverá, talvez, novos fulgores
No céo, que eu não contemplo nem diviso,
Porque não tenho mais os esplendores
Da aurora boreal do teu sorriso.

Pode haver luz no asul, brilho nas flores,
Vozes no vento, e um fulvo paraizo
Na aurora, quando accende em varias côres
Dos horizontes o dourado friso...

Já não desperta o sol, que vem com ella,
Aquella doce melodia, aquella
Musica de ouro das estrophes mansas:

Hoje é meu peito um tumulo fechado
Onde apenas o vento do passado
Canta a nenia feral das esperanças...

SOL AUSENTE

Já não me affaga o teu clarão sonoro,
E hoje só vivo do teu reverbero,
Sol, cuja ausencia em lagrimas deploro,
Luz, pela qual os mundos exaggéro!

Si canta em teu olhar almo e canoro
A Illyada de amor de um novo Homero,
Como adorar-te mais do que te adoro?
Como querer-te mais do que te quero?

Vae-se apagando a tua luz tão clara,
E em vez d'ella, no campo e na seara
Descem as sombras de uma noite escura...

E eu sinto, e eu vejo, no final do dia,
Que esta treva de lucto e de agonia
Faz-me forçar as portas da loucura!

FUGITIVA

Reinas aqui... Si estas canções dominas,
— O' forma ideal de todas as bellezas! —
E' que os versos são como as pedras finas:
Toucam melhor o collo das princezas...

E's tu, que inda de longe me fascinas,
E, entre a luz das estrellas mais accezas,
Como estrella, do asul do céo te inclinas
N'um diadema de fogo e de turquezas...

Nem accodes de longe aos meus desejos!
A luz do abysmo e a pallidez dos lyrios
Mandas cantar somente em meus harpejos?

E os teus beijos de amor, e os meus delirios?
— Não cantam versos o sabor dos beijos,
Versos não dizem todos os martyrios!

SO

Triste, caminho só! Levo o meu manto
De sombras e de lucto tão coberto
Que já nem sei quanto martyrio, quanto
Pezar me afflige em meu caminho incerto...

Solidão, nada mais! No horror do espanto
Destes phantasmas que me assistem perto,
Nem uma nota ao menos do seu canto,
Nem um raio de luz no meu deserto!

Perverso coração em seus refolhos
Nem mais me escuta; e não me diz, ao menos,
Porque quer que eu me fira nos escolhos.

Daquelles olhos que soluçam threnos
Cheios de almo luar... daquelles olhos
De luz tão bella como a luz de Venus!

RUINAS

Pisa as ruinas do altar profanado e sem lume,
Minh'alma ! Faz-te mal beber inda os fulgores
Desta pagina asul, tão cheia de perfume
Como o moital de um bosque onde rescendem flores...

Quebra as aras da fé, despedaça as redomas,
Santa, que um novo céo no lhar guardas occulto :
Não é mais o meu verso a caçoila de aromas
Com que outr'ora exaltei as glorias do teu culto !

Teu corpo ideal, de deusa, em seu dominio encerra
Tantas constellações, que nem cabe em meu verso ;
Desertaste do céo para pisar a terra,
E ao amor e á poesia abriste outro Universo.

Novos sóes a ignea e flava ascúma flammejante
Dardejam no esplendor dos teus olhos profundos...
Mas eu, crente, hoje atheu, fugo ao clarão vibrante
Desse incendio voraz que hade abrazar dous mundos !

Não posso, acaso ir só cumprir o meu fadario,
Das mortas illusões de pé sobre os escombros ?
— Pois será como o teu, Senhor, este Calvario,
E tão pesada a cruz que heide levar aos hombros?

Só pode a ave que soffre o exilio do seu ninho,
— Desterro atroz e egual ao que tenho soffrido —
Dizer esta tortura, espinho por espinho,
E esta magoa contar, gemido por gemido!

Deixa-me agora só! Alma na treva alçada
Como um pobre reptil á borda de um penhasco,
Não me firas — por Deus! — da mesma luz dourada
Que a Saulo converteu na estrada de Damasco!

Foge de mim!... Do altar profanado e sem lume,
Quebra a pedra, minh'alma, e occulta-te aos fulgores
D'esta pagina asul, tão cheia de perfume
Ccmo o moital de um bosque onde rescendem flores...

CONTRASTE

Isa, não creias na felicidade:
Eu procurei-a, como um cégo, e tanto
Que não sei porque choro esta saudade
Nem á razão porque estas magoas canto.

Dá-me apenas um pouco de piedade:
— Soturno Hamleto de pesado manto,
Enchi de goivos toda a mocidade,
Todas as rosas orvalhei de pranto...

Entre os delirios vãos da phantasia,
Nunca sonhei com céo tão vasto e largo
Como o do beijo que me deste um dia;

Sinto, no entanto, o esqualido lethargo
Que faz achar, em meio da alegria,
Amarga a vida, o soffrimento amargo...

UM DIA

Como o nauta que, entre abrolhos,
Prevê nos céos a bonança,
Eu vi a luz da esperança
Brilhar na luz dos teus olhos;
Pois esse calmo fulgor
Que apparentava a descrença,
Não era de indifferença,
Era de paz e de amor.

Não sabes hoje o castigo
Que me trouxe aquella gloria,
E ouvindo essa triste historia,
Talvez que chores commigo;
Hasde tambem padecer,
Pois creio que inda algum dia,
Hei de contar-te a agonia
Que tu me fazes soffrer.

Talvez se mude essa calma,
E os teus floridos caminhos
Se encham dos mesmos espinhos
Que trago aqui dentro d'alma:
Só então, querida flor,
Tu saberás, em verdade,
Quanto punge esta saudade,
Quanto maltrata esta dôr!

NINHO VAZIO

O ninho em que a aza esvoaça,
Cala-se quando a neve o refrigera;
Mas, quando o hynverno passa,
Canta de novo pela primavera...

Este nem hoje um pio,
Nem um ruflo de amor o torna quente:
Ficou triste e vazio,
Vazio hade ficar eternamente...

ZELOS

Só tu conheces o secreto espinho
Que dentro d'alma me pungindo está

(F. Varella.)

— « Versos a outra ! E' um poeta que não sente
O que escreve... » Isto dizes; entretanto,
Arde e queima o meu peito anciosamente
Nestas estrophes humidas de pranto !

A aurora desce pelos altos montes,
Dourada como os sonhos em que scismo :
— Quanta luz a banhar os horizontes !
— Quanta treva no fundo d'este abysmo !

Tantas e varias phantasias géro
Dentro do verso estridulo e canoro,
Que já nem sei dizer quanto te quero,
Nem mais posso dizer como te adoro !

Essa que apontas como desejada
Não é do ideal de um poeta o Novo-Mundo,
A imagem da belleza constellada,
A sombra, ao menos, deste amor profundo...

Não tece, como tu, de treva densa
Dos meus sonhos a limpida miragem,
Nem o meu verso o seu altar incensa
Como incensa e perfuma a tua imagem!

Amal-a? Não : amam-se céos e flores,
Azas de opala, fremitos de ninhos
E essa musica propria de cantores
Como o luar e como os passarinhos...

Amam-se as serras ao romper do dia,
A balsa, o prado que de luz se touca,
A aurora que os teus olhos allumia,
E o verão que esbrazêa a tua bocca...

Amam-se os anjos, como tu, que um throno
Ergueste em meio d'esta noite escura,
E, estridula cigarra d'este outomno,
Sabes cantar as arias da ternura.

Só não sei si essa fé que me juraste
Tens ainda por certa, como eu tinha,
Ou si já formam nitido contraste,
Neste momento, a tua crença e a minha...

Não sei; mas quando aos ideaes dispersos
Faltar um porto onde lhes dês abrigo,
Relembra ao menos os meus pobres versos,
— A Biblia Santa em que rezei comtigo!

PERDAO

Feriste-me, e essa magoa inda me opprime
Como a algema que prende o condemnado...
— Criminoso, não sei qual o meu crime ;
— Peccador, não conheço o meu peccado !

Mas si dizes que fui louco e perverso,
Si me accusas de um mal que eu desconheço,
Perdoa-me, que a endeixa do meu verso
Diz o que sinto e diz o que padeço !

Julgas agora que o perdão te mande,
Como o que ora te peço neste vôo ?
A tua culpa?... a tua?... essa é tão grande
Que eu nem posso dizer si te perdôo !

DESPONDENCY

Nem a mais viva loucura
Nem o mais louco desejo
Podem pagar a amargura
Do dia em que não te vejo!

Ando longe desse amado
Olhar, que as dôres me leva,
Como um cégo abandonado
Que vae tacteando na treva...

Mas si a minh'alma está morta,
Que importa que andes distante ?
Si me não buscas, que importa ?
Adoro-te eu, e é bastante.

Quem ha que uma estrella olhando
E enternecido por vel-a,
Queira que logo,cantando,
Lhe falle e responda a estrella?

Beijar a dahlia escarlate
Porque um jardim poz em festa ?
Não ha maior disparate,
Maior loucura do que esta!

Tem só a flor o perfume,
A graça a harmonia, a côr,
E é nisso que se resume
Todo a mysterio da flor ;

Mas nem a maior loucura,
Nem o mais louco desejo
Podem pagar a amargura
Do dia em que não te vejo !

MINIATURA

Estrella, nuvem ave,
Perfume, aragem, flôr...

(JOAO DE DEUS.)

E' branca e pura, casta e divina,
Leve e franzina
Como um jasmim ;
Cheia de graça, de alma doçura
Tem a candura
De um seraphim.

Vendo o seu rosto brilhar tão doce
E o céo abrir-se no seu olhar,
Sinto-a tão linda como si fosse
A propria Santa Virgem Maria
Sorrindo sempre, de noite e dia,
Por entre as rosas do seu altar...

Na minha mente, quando ella assoma,
Quando o meu beijo nem mesmo a enlaça,
(Santa que vive n'uma redoma,)
Em nuvens de ouro vejo-a que passa,
Cheia de graça,
Cheia de aroma...

Sabe que aquella que um beijo fér-me
Bebe a peçonha propria do verme
De atro paul;
No entanto, est'alma, para onde falla,
Veste de gala,
Forra de asul!

Formas que brilham assim radiosas,
(Mais do que os lyrios, mais do que as rosas)
Um poeta justo nos seus louvores
Não as compara, sem offendel-as,
Nem mesmo ás flores,
Nem ás estrellas.

Vendo o seu rosto brilhar tão doce
E o céo abrir-se no seu olhar,
Sinto-a tão linda como si fosse
A propria Santa Virgem Maria
Sorrindo sempre, de noite e dia,
Por entre as rosas do seu altar...

Si ella é senhora de tal encanto,
Si apaga o lucto, si enxuga o pranto,
— Balsamo puro da minha dôr, —
Si é mensageira da primavera,
Quem lhe não dera
Todo este amor?

Por isso agora, quando ella assoma,
Quando o meu beijo nem mesmo a enlaça,
(Santa que vive n'uma redoma)
Em nuvens de ouro vejo-a que passa,
Cheia de aroma,
Cheia de graça!

NO PARQUE

Céo todo de luz batido...
Tu, que do sol és irmã,
Tinhas o olhar embebido
No resplendor da manhã.

E eu fui passando a teu lado:
Tudo era asul, tudo calma
No grande parque dourado...
Só era noite em minh'alma!

E assim, preso a um mal medonho,
Via-te, o olhar esplendente,
Indifferente ao meu sonho
E ao meu mal indifferente...

Na entanto, segui de rastros
Por entre a luz que scintilla,
Só para ver quantos astros
Se occultam nessa pupilla!

E em doido e iriado bando,
As illusões irrequietas
De minh'alma foram voando
Como ideaes borboletas;

E todas, num vago anceio,
Foram por fim, uma a uma,
Poisar na flor do teu seio
Feito de jaspe e de espuma.

Em meio de muita gala,
Quando o sol dardeja forte,
As azas de ouro e de opala
Na propria luz têm a morte ;

Nisto o caso se resume :
As borboletas douradas
Com tanta luz e perfume
Morreram todas, coitadas !

HONTEM E HOJE

Hontem dizia eu : — « Agora,
Calmo e feliz pulsa o meu peito :
Faz muito frio lá por fóra,
Mas está quente o nosso leito... »

Hoje desponta a madrugada
E eu, triste e só, tremo de frio ;
Procuro em vão a minha amada...
O seu logar está vazio !

AGONIA

Sombra... sombra e mudez... Só fulgura, em contraste,
Todo o abysmo sem termo em que afundei meus pas-
— Nebulosa do amor, tu para mim creaste [sos...
Este céo, esta luz, este ar, estes espaços...

Inda em minh'alma vibra uma harmonia infinda;
Louco me torna ainda essa febre estuante;
E os teus braços de neve, os teus braços ainda
São a cruz em que vergo o corpo agonisante!

Não me culpes a mim, que o ermo de um paraizo
Entrevia, ao calor da febre e do desejo:
— Muita angustia custou-me as vezes um sorriso,
— Muitas lagrimas dei-te em troco de um só beijo!

Como no espaço adeja uma garça perdida,
Vieste a mim, tatalando azas pandas, serenas;
Mas perdeu-te, afinal, essa paixão mentida
— Asphaltite do amor em que molhaste as pennas...

Que importa que se afunde ou pereça o Universo,
Que o sol deixe os vergeis e os pampanos em chammas,
Si de novo, a cantar, abre as azas o verso
Para bebêr a luz que sobre mim derramas?

Cheira a balsa; o arvoredo emmaranhado em ninhos
Solta, de quando em quando, harmonias queixosas...
— Flauta amorosa e doce, a voz dos passarinhos
Empresta uma alma ao campo e sonorisa as rosas.

Só ha sombras no monte, onde não vae minh'alma
Incerta percorrer as paragens tranquillas...
Só luz para este abysmo, ermo de toda calma,
Onde dardejam fogo os sóes d'essas pupillas...

E' a angustia suprema, é a tortura sem nome
Do vampiro que foge ao sol e á claridade ;
Soffra — que importa? — eu quero a pena que consome,
A volupia da dôr que só traz a saudade.

Mas debalde se accende o meu antro... debalde
Erro como Caim, espavorido e louco,
Fugindo á luz e ao mundo... (Esta alegria jalde
Brilha tanto no céo, e em minh'alma tão pouco !)

Não mais povoado tenho o espirito de sonhos,
Como uma estufa de ouro onde rescendem flores ;
E hoje apenas me arrasto entre parceis medonhos
Pisando um tremedal de espinhos e de dôres.

Cala as penas, minh'alma, e supporta o cilicio
Que as fibras te corróe, cruciante e sem tregoas ;
— Não tem fim nem começo a estrada do supplicio,
A vereda da dôr não se mede por leguas.

. . . .
. . . .

Poeta : abate essa fronte onde fagulham mundos,
Onde vivem cantando os arrebóes suaves :
— Urna que guarda em si os mysterios profundos,
— Harpa que canta o amor, como o trillo das aves.

Dorme : procura a treva asquerosa e maldita
Onde não entra a luz nem resplandece a aurora,
Mas como um seio quente e amoroso palpita
A' alma que geme e canta e que gorgeia e chora !

Vae ! Segue eternamente a caminhar de rastros,
Já que não podes hoje amal-a e comprehendel-a !
E' debalde que o teu olhar perscruta os astros :
Verme, volta ao covil ! Deixa no céo a estrella !

SILENCIO

Silencio impões ao meu cruel martyrio!
E inda juravas me guardar constancia,
Quando do labio davas-me a fragrancia
De um branco e casto e perfumado lyrio!

Que culpa commetti? Ao meu delirio
Outra me aponte agora, e em rosto lance-a!
Não tu, espelho vivo da inconstancia,
Luz, que cuida ser sol, e vem de um cirio...

Silencio... é a voz dos tumulos fechados,
O vento surdo da esterilidade,
Nos campos pelo hynverno desolados...

E' o premio que me trazes á anciedade,
O negro galardão dos meus cuidados,
A triste recompensa da saudade!

. . . .

(J. D. PEZA)

A tarde desce, em meio
De um pallido languor ;
O espaço brilha cheio
De aroma e de esplendor.
Minh'alma é um doce leito
De espinhos ermo e nú,
Pois guardo inda no peito
Uma esperança.... tu.

FLOR DE TORMENTA

Na alta grimpa da matta rumorosa
Que mais crúa e mais forte a claridade
Côa dos sóes, ha uma flor caprichosa
Que o vento fere e açoita sem piedade.

Balouça no ar a corolla aromosa
Que o tronco forte eleva á immensidade,
E ao fragor da rajada tormentosa
Abre a crôa real á tempestade.

Quanto mais a agoa a bate, e o ar farfalha,
Do limbo asul o verdejante tóro
Mais brilho e aroma aos vendavaes espalha.

Assim tambem o teu clarão sonoro;
— Flor da tormenta, o rocio que te orvalha
E' o diluvio das lagrimas que chóro.

A UMA CREANÇA

Passas ás vezes, cantando
Como uma rosea chimera,
E eu sinto tambem passando
Nesse momento febril
Um sopro de primavera
Cheio do aroma de Abril.

Sentindo a tua alma pura
Cheia d'aquella meiguice
Só propria da creatura
Que é santa como tu és,
Sonhei que o mundo me visse
Louco e prostrado a teus pés...

Mas ah! Que abysmo medonho
Hoje entre nós se levanta!
Ao despertar deste sonho,
Louco e prostrado a teus pés,
Nem posso a teus pés de santa
Cantar meus hymnos de amor!

Esquece, pois, os meus hymnos;
E já que a sorte impiedosa
Unir os nossos destinos
Num só destino não quiz,
Deus te faça tão ditosa
Quanto me fez infeliz!

ALMA EXTINCTA

... si est dolor sicut dolor meus.

(JEREMIAS.)

Estala, coração! Ella tambem, querida
Entre todas, partiu, deixou-te a solidão...
Já não te resta mais nem um sopro de vida,
Nem um hausto de luz... estala, coração!

Não peccaste, si quer, e a injustiça te opprime!
Nem uma jura só, de tantas, se partiu,
E é forçoso expiar essa culpa de um crime
Que não quer o perdão, porque nunca existiu!

A ingratidão, por fim, veiu bater-te á porta,
Mas um triste despojo encontrou nos humbraes:
A alma gelada e extincta, a alma vazia e morta
Que palpitou de amor e que não canta mais!

D'ella desfeito, enfim, ás lancinantes garras,
Já nem podes viver, já nem podes amar:
Extingue-te: no amor, foste como as cigarras
Que em meio do verão estalam de cantar!

LONGE!

Depois de passados dias
De ventura, esta alma escrava
Punha bençãos e agonias
No beijo que te deixava!

Depois, rolei como um morto
Pelo alto mar... nem o céo
Dava-me mais o conforto
Que o teu sorriso me deu.

Mas não supponhas que, acaso,
De ti me aparto um momento:
O sol mergulha no Occaso,
Mas redoira o firmamento...

Da melhor das creaturas
Nem me podem afastar
Estas tremendas e escuras
Tresentas leguas de mar!

Aspiro ainda a fragrancia
Com que o teu labio me anima:
Quanto maior é a distancia
Tanto mais nos approxima!

A luz com que o mundo espantas
Prefiro ao sol (crê, si queres...)
E's a mais santa entre as santas
E a mais pura entre as mulheres :

O sol mergulha no lôdo,
A estrella beija o paul...
— Não troco pelo céo todo
Este pedaço de asul !

REINADO IDEAL

Loura sereia de olhos tentadores
Que és a razão da desventura minha :
De uma patria de sonhos e de flores
Eu fora o rei... si fosses a rainha.

E's senhora de um magico thezouro
De perfeição, de graça e de belleza ;
Em tua bocca esbrazeada, o côro
Dos beijos canta a symphonia acceza.

D'esses teus olhos o amoroso encanto
De galas veste o meu tristonho exilio,
E apenas num sorriso dizes tanto
Como um verso de Horacio ou de Virgilio.

De que extranha e dourada nebulosa
Baixaste á terra, tu, que vens perdel-a,
E irradias — estrella jubilosa —
O clarão jubiloso de uma estrella ?

De um paraizo, pará mim perdido,
Guardas a chave, — magica Sultana,
Emquanto a contemplar-te ando esquecido
Como Jesus junto á Samaritana...

O escravo, achando á dôr um lenitivo,
Beija os grilhões que o trazem prisioneiro ;
Eu, como o triste e misero captivo,
Choro... e bemdigo o proprio captiveiro !

No entanto, — ó dona de olhos tentadores,
Que és a razão da desventura minha :
De uma patria de sonhos e de flores
Eu fora o rei... si fosses a rainha !

. . .

Sentindo a ferida larga
Que a alma preme e a voz embarga,
Inda ha pouco eu repetia
Aquella palavra amarga
Que tu me disseste um dia.

Disseste bem ; desgraçado,
Triste, louco e apaixonado
Fadou-me o destino, quando
Me fez ver em céo dourado
Das phantasias o bando ;

Quando, sem tregoa que a acoite,
Vibrando o tremulo açoite,
Na minh'alma, inda louçã,
Verteu a treva da noite
Em vez da luz da manhã !

Quando, em pasto ao meu desejo,
— Unico bem que inda almejo —
Me quiz dar um paraizo
Todo quente do teu beijo,
Todo fresco do teu riso,

E apenas o alado côro
Das chimeras de azas de ouro
Fez em minh'alma cantar,
Pondo-me em frente um thezouro
Que eu nem podia tocar!

BEIJO SEM VIDA

Quando ella por mim passava,
Parecia-me tão bella
Que o céo todo palpitava
Junto d'ella...

E eu sonhei, por isso, outr'ora,
Tão ditoso, quando a via,
Que cantava toda hora,
Todo dia.

Hoje, enfim, não mais cantando,
Mas carpindo a minha sorte,
Vivo triste, sospirando
Pela morte.

Exilado da alegria,
Si cantei, feliz, outr'ora,
Hoje choro todo dia,
Toda hora ;

E minh'alma, que agonisa,
Só tem balsamos fugaces
Neste pranto que inda pisa
Minhas faces ;

10.

Pois o pranto, que consola,
Cae tão fresco sobre a dôr,
Como o orvalho na corolla
De uma flor

Nem ao menos, pomba mansa,
Nem ao menos, por contraste,
Com tal dôr uma esperança
Me deixaste...

Tanto em vão busquei conforto
Para a magoa que não finda,
Que eu nem sei como, já morto,
Vivo ainda!

Vens agora, mas o tedio
N'alma, aberta em dôres, arde...
Chegou tarde esse remedio,
Muito tarde;

Porque é triste e fria a chamma
Desse beijo que me déste,
Como a luz que doura a rama
De um cypreste.

Vae-te, pois; vae-te, querida;
Não aggraves mais a sorte
De quem quer trocar a vida
Pela morte.

TERCEIRA PARTE

FOLHAS SOLTAS

Ao Dr Alberto de S. M. Torres.

DOLORA

(M. ACUNA)

Como é triste andar sonhando
Com um mundo que não existe!
Como é triste
Ir vivendo e caminhando
Sem ver, em nossos delirios,
Da razão com os puros olhos,
Que si ha na vida alguns lyrios
São muito mais os abrolhos!

O homem nasce, e num momento
Corre a seguir a esperança:
Não a alcança,
Porque não se alcança o vento;
Mas corre e cança e delira,
Sem ver afinal que a gloria
Não é mais que uma mentira
Tão bella quanto illusoria.

Sempre a correr como um louco,
Não vê que os falsos amores
Como as flores,
Duram pouco, muito pouco!
Não vê, quando se enthusiasma,
Pela fortuna que adora,
Que ella parece um phantasma:
Quando a tocam, se evapora!

E que a vida é um sonho ameno,
Mas do qual, si despertamos,
Sempre achamos
O bem, por maior, pequeno;
Pois é o mal tão forte e tanto
Na senda escura da vida
Que uma torrente de pranto
Brota de cada ferida.

Durar os gosos só querem
Como as puras açucenas,
Mas as penas
Vivem sempre e sempre ferem;
E quando nos foge a calma
Com as esperanças mais bellas,
O logar que tinham n'alma
Fica occupado por ellas.

A ferida que os amores
Deixam n'alma quasi morta
E' a porta
Que abre a passagem das dôres;
Succedendo na jornada
Desta vida mal vivida,
Que é para o pezar « entrada »
O que é para o bem « sahida ».

E soffrem todos e choram
E os males e a dôr toleram
Porque esperam
Achar a illusão que adoram.
E o homem pallido e triste
Não vê, quando anda a sonhar,
Que apenas a dôr existe
E nada a pode apagar.

E não vê que é um fatuo fogo
A paixão com que se abraça,
Luz que passa
Como um relampago, logo;
E que os sonhos e os receios
Da sua mente abrazada
Não são mais que devaneios,
Sombras apenas, mais nada!

Que o proprio amor é ligeiro
Como a amizade que mente
Pois somente
Rebrilha á luz do dinheiro;
E não vê quando se lança
Dos sonhos no pégo fundo,
Que são a fé e a esperança
Mentiras só deste mundo!

MARGARIDA

Indo ao prado colher flores,
O prado (que não sabia
Para quem eu as colhia)
Disse, entre prantos e dôres :

« Teus ahi a dahlia, a rosa,
A camelia, o cravo olente ;
A margarida sómente
Fugiu da veiga cheirosa... »

O prado andava gemendo
A ausencia do seu amor ;
Por elle fiquei sabendo
Que, em vez de mulher, és flor.

Colhi da balsa florida
As corollas mais louçãs :
Tragoas aqui... Margarida,
Recebe as tuas irmãs !

FLOR VIUVA

Guarda ainda o gesto terno
E a marmorea pallidez
Que lhe trouxe o longo hynverno
Da viuvez.

Já chorou pelo passado,
Mas traz hoje o rosto enxuto
E, em vez de lucto pezado,
Meio lucto :

— Fio asul de seda frouxa,
Pintas brancas pelo véo,
Laço escuro e pluma roxa
No chapéo.

Só negro lucto poreja,
Como de fundos abrolhos,
Desse abysmo que negreja
Nos seus olhos.

Negros como a minha sorte,
Negros como a minha dôr,
Negros, negros como a morte,
Como o amor...

Por entre sombras escuras,
Vejo-os, negros e tristonhos,
Como as negras sepulturas
Dos meus sonhos.

AO GENERAL OSORIO

(JUNTO AO SEU MONUMENTO)

Eil-o, por fim, na praça alevantado,
O audaz guerreiro! O echo de seu nome
A's plagas do porvir será levado
Pelo bronze que o tempo não consome.
No largo punho o gladio victorioso
Que amplas florestas derrubou de alfanges,
Sereno agora, altivo e desdenhoso,
Mal lembra o heróe que, á frente das phalanges,
No fragor da batalha, a onda purpurea
Do sangue á fronte, a gloria a embriagal-o,
Tragava os ventos, sem buscar a furia
Conter do seu indomito cavallo...
Ginete egual ao de Atila na guerra,
Tremendo escudo do seu braço forte,
Por toda parte em que pisava a terra
Levava o espanto, a confusão e a morte!
Sol da peleja! Intrepido e valente
Batalhador! Leonidas que ao braço
Ergue a clava terrivel e potente
E a um exercito inteiro embarga o passo!

Foste ainda maior do que o Espartano
Quando o raio accendeste no horizonte
E vingaste de um despota e tyranno
A injuria, do Brasil cuspida á fronte!
Heróe de Tuyuty : tua memoria
Guarde o mundo p'ra sempre, ame-a, idolatre-a...
O bronze eterno que te leva á gloria
Enche de orgulho o coração da Patria!

Onde estarás agora,
Branca e perdida flor
Por quem minh'alma chora
Preza de estranha dôr?
Onde estarás agora,
Sol da minha existencia, alma do meu amor?

Geme ainda a saudade
Com que o pezar me assiste
Na minha soledade
Eternamente triste!
Geme ainda a saudade
Que em minh'alma cantou no instante em que partiste.

A que outro claro mundo
O fado te conduz
Longe do moribundo
Que arrasta a sua cruz?
Que outro céo, que outro mundo
Audas dourando agora, astro de estranha luz?

Porque é que me deixaste
Em meio do caminho
E ingrata abandonaste
O amor do nosso ninho?
Porque é que me deixaste
Em meio do tormenta, esquecido o sósinho?

E onde andarás agora,
Branca e querida flor,
Longe de quem te adora,
Longe da minha dôr?
Onde estarás agora,
Sol da minha existencia, alma do meu amor?

MONOLOGO

Recitado no festival que em honra do poeta Fagundes Varella realisaram os homens de lettras de Petropolis).

Si de alguma attenção eu lhes peço o concurso,
E' modesto o meu fim, minha intenção singela :
Não cuidem, pois, que eu vá fazer outro discurso
Nem nova conferencia acerca de Varella...

Isso é bom para quem sabe dizer por junto
Tudo o que o estylo tem de opulento e de excelso,
E, como bem sabeis, já trataram do assumpto
Quatro : Leoncio, Martins, Xavier e Affonso Celso.

Incumbido, porém, de agradecer ao povo
O concurso gentil que á nossa ideia presta,
Eu tinha de encontrar por força um modo novo
De dizer o que é velho : assim o exige a festa...

Outro, em phrase elevada, ardente e acceza em cham-
Empregara talvez estylo bem diverso ; [mas
Mas tendo de fallar principalmente ás damas,
Achei que em vez da prosa era melhor o verso.

Sois vós que comprehendeis, Senhoras, em verdade,
Da lyra sospirosa as notas exquisitas
E interpretaes melhor a doce suavidade
De um poeta que cantou tantas cousas bonitas :

Verbi gratia : a mulher... a mulher, sobretudo !
Sim : a Cesar o que é de Cesar : a poesia
Deve cantar primeiro a alva mão de velludo
Que esconde dentro o espinho, e por fóra... amacia.

E Varella cantou glorias, que eu canto agora
Mas que ninguem como elle inda soube dizel-as :
Na bocca da mulher poz o escrinio da aurora,
Na luz do seu olhar o fogo das estrellas !

Verdade é que deixaes morrer as pobres almas
Que a esperança alimenta e o desengano trunca ;
Mas si depois de morto o poeta, daes-lhe palmas,
E' o caso de dizer : Antes tarde que nunca !

Isso de assim deixar, como folhas ao vento,
As queixas que na lyra o trovador resume
Sem mais compensações que as glorias do talento,
Aqui p'ra nós : eu acho um pessimo costume...

No entanto, é o que se vê : antigamente, então,
Quando um poeta cantar queria a sua amada,
Eram rosas na bocca, eram lyrios na mão,
E na pallida fronte a estrella da alvorada.

Não me refiro, é claro, ao tolo namorico
Da donzella enfezada, a pallida menina,
Que dizia á Mamãe : « Eu gosto de *seu* Chico
Porque elle na chamou de *rosa purpurina*...

Não ; Fallo da mulher por quem o verso accende
A lava da paixão negra e tempestuosa ;
Aquella que comprehende as ancias, que comprehende
Os sonhos, e abandona os sonhos, caprichosa.

Marilia, por exemplo : o pobre poeta ardente,
O amoroso Dirceu finou-se de saudade...
Pois a bicha morreu escandalosamente
Depois de completar oitenta annos de edade !

E' demais ! Na mulher anda tudo trocado :
Nada ha que para o seu orgulho o bem resuma
Como deixar morrer um poeta apaixonado...
E' por isso que eu cá não morro por nenhuma !

Mas hoje resgataes essa divida immensa
Da velha ingratidão por tantas repartida ;
E' justo que receba um dia a recompensa
Quem só provou da dôr — fructo amargo da vida.

Vós que os poetas matais só com os olhos serenos,
E que do ideal tornais tão luctulenta a historia,
Amae o grande poeta : amae-o, p'ra que, ao menos,
Quem morreu pelo amor seja amado na gloria !

PORQUE?

Porque será que receia
O pescador navegar
Quando brilha a lua cheia
Sobre as ondinas do mar?

Ao pleno luar dos teus olhos,
Logo que o pobre embarcou,
N'um mar calmo e ermo de escolhos
O meu batel naufragou...

E...

Ao reler esta pagina, que finda
Do nosso amor a historia sem piedade,
Do passado infeliz lembro-me ainda
E de tudo me punge a atroz saudade...

Queimou-me os olhos este pranto ardente,
Nelles a propria luz morreu queixosa...
E nos cilios, que cerro, impertinente
Baila ainda uma lagrima impiedosa...

Nada ha que valha a dôr deste momento ;
Nada eguala a essa dôr ; a sua historia
Por ser a historia de um cruel tormento
Inda a conservo toda na memoria!

Parece-me que venho, soluçante,
De um funeral... Os sonhos, o passado,
Tudo enterrei neste tremendo instante
Junto ao meu coração despedaçado !

Geme a lyra com quem corri primeiro
Da ventura e do amor todos os portos :...
E canta ! Mas seu canto derradeiro
Dobra ás exequias dos meus senhos mortos !

ASCENÇAO

(Ao illustre poeta
Ricardo Mujia.)

Foi em torno da immensa e lauta mesa,
A' hora do café,
Que eu da fresca visinha baroneza
Toquei no pé...

Ella, mal encobrindo a onda purpurea
Do rostinho vermelho,
Num fremito convulso de luxuria
Roçou-me o joelho...

De braço dado, vendo arfar-lhe o seio,
Fui leval-a ao salão ;
Ahi, a um canto, em fino galanteio,
Beijei-lhe a mão...

A' sahida, no espasmo delirante
Da febre ardente e louca,
Pareceu-me de mel, naquelle instante,
A sua bocca...

São decorridos, já quasi dous mezes,
E, sem um so revéz,
Tenho-a beijado já diversas vezes
Da bocca aos pés...

ENGANO

(A Rebeldino Baptista.)

Absorto em outros misteres,
Nunca busquei a ventura,
Nem commetti a loucura
De acreditar nas mulheres.

A uma, sim, jurei que a amava ;
Mas não menti, quando o disse,
Pois ao dizer tal tolice,
A mim tambem me enganava !

A PETROPOLIS

Terra de paz e harmonia
Que de luz a alma me banhas :
No asul das tuas montanhas
Vive cantando a poesia !

Valle de amenas doçuras,
De rosas e mal-me-queres,
Onde as estrellas mais puras
Brilham no olhar das mulheres !

Aqui o sonho e a chimera
Vivem de luz e esplendores,
E brota um mundo de flores
Ao sopro da primavera!

Tudo fascina e embebeda,
Tudo é rutilo e dourado :
Bebo a luz com que me banhas :
Só ha perfumes no prado !

Toda noite e todo dia
Bebo a luz com que em banhas :
Fica entre as tuas montanhas
O El-Dourado da poesia !

ULTIMA PAGINA

Voltas de novo, e os escolhos
Vens trilhar de ondas mendaces :
O pranto innunda-te os olhos
E o pallor te cobre as faces...
Que tu soffreste, e bastante,
Bem sei : o véo do desgosto
Vejo pintado em teu rosto
Como em meu proprio semblante...

Tornas, afflicta e saudosa
D'aquelle mesmo passado
Que tu, louca e caprichosa,
Deixaste atraz sepultado ;
E eu, como allivio e conforto
A' flor sedenta de orvalho,
Só posso dar-te o agazalho
De um peito já quasi morto !

Longo foi o meu delirio
E o meu tormento cruel,

Pois temperei o martyrio
De amargo pranto e de fel;
Louco e transido, soffri
Todos os males da ausencia...
Foi tremenda a penitencia,
Negra a dôr, longe de ti!

Do meu triste eremiterio
Sonhava ás vezes comtigo,
Em busca do refrigerio
De tão tremendo castigo;
Mas sempre impiedosa, a sorte
De tal modo me arrastava,
Que em toda parte avistava
A sombra escura da morte.

Calcando a larga ferida
Que aberta n'alma deixei,
Da taça amarga da vida
Todas as fezes provei;
E a propria estação das flores,
Ao tardo volver dos annos,
Foi quadra de desenganos,
De desalento e de dôres!

Voltando aos dias de calma,
Teu amor rejuvenesce
E canta dentro em minh'alma,
Como o sol, quando amanhece...
Sol do amor, que esta alma espera:
A' luz do teu riso doce,
Fugiu a treva, e mudou-se
Todo o hynverno em primavera!

Canta, rouxinol amado!
Quero ouvir dessa garganta
O melodico trinado...
Rouxinol amado, canta!
Voltam a paz e a alegria;
Tem a dôr onde se acoite...
Si em todo o Universo é noite,
Em meu coração é dia!

INDICE

PRIMEIRA PARTE

FLORA DE MAIO

SEGUNDA PARTE

LIVRO DE ISA

TERCEIRA PARTE

FOLHAS SOLTAS

Paris. — Tip. Garnier Irmãos, 6, rua des Saints-Pères 317.5.1902.